

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**

**ANA INÊS GAZOLLA DE OLIVEIRA**

**A SEXUALIDADE NO  
ESPAÇO ESCOLAR**

**PORTO ALEGRE, DEZEMBRO DE 2011.**

ANA INÊS GAZOLLA DE OLIVEIRA

A SEXUALIDADE NO  
ESPAÇO ESCOLAR

Relatório de Pesquisa em Psicologia - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciatura em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Luciana Fernandes Marques

Porto Alegre

2011

## FOLHA DE ASSINATURAS

---

Aluna: Ana Inês Gazolla de Oliveira  
Matrícula: 169910

---

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dra. Luciana Fernandes Marques  
CRP: 07/06420

*Agradeço a todos os educadores que se dispuseram a colaborar para a realização desta pesquisa e à Professora Dra. Luciana Fernandes Marques por sua dedicação e incentivo como orientadora neste trabalho.*

## RESUMO

**Título:** A sexualidade no espaço escolar

**Autora:** Ana Inês Gazolla de Oliveira

**Resumo:** Esta pesquisa possibilitou analisar a postura do educador perante manifestações de sexualidade de seus alunos, bem como sua concepção sobre o tema. Verificaram-se importantes dificuldades entre os professores para tratar situações relacionadas ao campo da sexualidade, devido, não só ao despreparo acadêmico, mas ao receio, à falta de conhecimento e à história de vida do educador entrevistado. Todos reconhecem a importância de seu papel como facilitadores ao processo de desenvolvimento da sexualidade saudável de seus alunos e têm consciência da urgência desta discussão no âmbito escolar. Referem à mídia o principal veículo de acesso à informação sobre a sexualidade na contemporaneidade, mas criticam o apelo sexual exagerado constituindo um jovem confuso sobre si mesmo.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	07
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 A construção da sexualidade humana .....	10
1.2 Sexualidade na escola .....	31
1.3 Sexualidade adolescente .....	49
2 MÉTODO.....	58
2.1 Método: explicação da opção pelo método qualitativo .....	58
2.2 Participantes.....	59
2.3 Procedimentos para a coleta de dados .....	59
2.3.1 Instrumento .....	60
2.4 Procedimentos para a análise de dados .....	61
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	64
3.1 Postura .....	64
3.2 Doenças e Gravidez .....	66
3.3 Família.....	68
3.4 Gênero e Preconceito.....	71
3.5 Homossexualidade .....	73
3.6 Mídia.....	75
3.7 Professores e educação sexual .....	77
3.8 Concepção .....	79
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXOS .....	92

## INTRODUÇÃO

A sexualidade humana é um tema inquietante, pois remete a excitações e pensamentos relacionados a formas de prazer e satisfação das necessidades fisiológicas básicas, assim como a sentimentos, emoções e afetos constituídos no decorrer do desenvolvimento e na vida psíquica do ser humano.

Nossa época reúne as condições para uma liberdade sexual jamais ocorrida antes, e diante deste fato, a escola como instituição social, deve ressignificar sua prática de educadora sexual a um processo educativo interdisciplinar, visando a dimensão psicológica, filosófica, histórica, sociológica e biológica na construção dos sentidos da sexualidade.

Neste contexto, surge a figura do educador, na maioria das vezes não suficientemente preparado para lidar com a manifestação natural da sexualidade. Sente-se incomodado e desconfortável, porque possui sua própria concepção, convicções e valores sobre a sexualidade, incluindo-se a moral e os preconceitos.

Não é apenas nas portas de banheiros, nas pichações dos muros e nas carteiras que se inscreve a sexualidade no espaço escolar, mas nas atitudes dos alunos, no seu comportamento, nas brincadeiras, olhares e gestos. “Ela invade por completo essa “praia” e “ao não reconhecer essas múltiplas manifestações, é como se a escola realizasse o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela” (SAYÃO,1997, p.112).

Muitos pensadores contribuíram com suas teorias à análise da sexualidade dentro de um contexto histórico biopsicosocial. Foucault (1988) refere que na vigilância constante da criança e no seu confinamento em internatos, na separação entre os sexos, na arquitetura escolar e no combate à masturbação, a escola falava incessantemente sobre sexo, disfarçado pela repressão e silêncio (SOUZA,1997). Freud (1969, citado por BARROSO e BRUSCHINI, 1982), chama a atenção para a sexualidade infantil e fala da repressão sexual como um obstáculo ao desenvolvimento saudável do indivíduo.

Mediante a crescente liberdade desinformada de nossos jovens, que os remete a doenças sexualmente transmissíveis, à Aids, à gravidez indesejada, ao aborto, às drogas, etc. e com o propósito de auxiliar os educadores a refletirem sobre a importância do tema sexualidade na escola, foram os seguintes os objetivos desta pesquisa:

- Identificar as concepções do educador sobre o tema sexualidade;
- Verificar a ação e reação do educador perante manifestações da sexualidade por seus alunos;
- Avaliar a opinião do educador no que se refere à educação sexual no contexto escolar;
- Aprofundar conhecimentos sobre a sexualidade humana em seu contexto histórico-cultural.

Partindo destes objetivos os problemas desta pesquisa foram:

- Que significados o educador compreende no que se refere à sexualidade?



-Como o educador age e reage frente a manifestações da sexualidade de seus alunos?

-O que pensa o educador sobre a educação sexual no contexto escolar?

-Como evoluiu através dos tempos a sexualidade humana?

# **1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## **1.1 A construção da sexualidade humana**

No começo, as mulheres e os homens viviam em pequenos grupos, praticavam o amor livre e dividiam a caça, a pesca e lugares nas cavernas. Os filhos eram cuidados e criados pelo grupo, as mães eram certas, os pais incertos e as mulheres eram mais importantes, pois o seu papel era manter a continuação e a sobrevivência da tribo (TOCKUS, 1996).

Mais tarde, com a domesticação de animais, a descoberta do ferro e a apropriação de terras, o homem acumula riquezas e preocupa-se em deixar a herança a seus filhos e como garantia exige uma mulher virgem antes do casamento e que lhe seja fiel depois (TOCKUS, 1996).

Goreau (1987) afirma que a origem concreta da exigência da castidade era a importância de uma paternidade que não poderia ser contestada perante uma sociedade cujas estruturas econômicas e sociais baseavam-se na transmissão patrilinear.

A antiga sociedade era muito diferente da nossa em relação ao casamento, que não consagrava um relacionamento amoroso, mas um negócio de família, uma união que não visava prazer, mas o bem da família (FLANDRIN 1987).

Historiadores revelam que a maior parte das casas eram compartimentadas em sala e cozinha. Na última comiam e na sala, à noite, os camponeses dormiam sobre folhas secas, montes de palha ou sacos, todos

juntos: o pai, a mãe, parentes, criados e hóspedes.

Nunes (1997) refere que na Idade Média, entre as classes populares proliferavam relações primárias, comunitárias, pois os quartos nas casas não eram separados e a sexualidade possuía uma linguagem rica e picante, manifestadas nas músicas, piadas e formas de expressão entre os homens e as mulheres.

Com o tempo, as habitações foram melhorando conforme melhorava o modo de vida e o quarto de dormir foi isolado dos outros cômodos. A cama tornou-se aparato do rico e as visitas eram nela recebidas com música e comida (TOCKUS, 1986).

Pouco a pouco, o quarto de dormir perdeu seu caráter público e a nudez, antes cotidiana, tornou-se chocante, sugestiva e sedutora. Um decote mais ousado passou a chamar a atenção e o *strip-tease* começou a ser comercializado (TOCKUS, 1996).

Conforme Rossiaud (1987) no passado a prostituição era tolerada e os prostíbulos eram pertencentes à comunidade, se erguiam no espaço político urbano e ninguém freqüentava estes lugares às escondidas. Com o tempo a prostituição passa a ser reprimida pela Igreja, pela família e autoridades, cada qual com seus próprios motivos.

Para a Antiguidade, a sexualidade não era um mal. O evento do Cristianismo vem se opor ao pensamento antigo rejeitando o erótico e referindo toda a volúpia ao mal. A sexualidade é eleita como pecado, o estigma do delito e o símbolo da desonra (CATONNÉ, 1994).

Foucault (1988) refere que no início do século XVII não havia disfarce

nas práticas, não se mascarava o ilícito, não se media as palavras, pois os “gestos eram diretos, os discursos visíveis, as anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos pavoneavam” (p. 9).

Para Foucault (1988) a repressão do sexo faz parte da ordem burguesa e coincide com o desenvolvimento do capitalismo, pois em uma época que se explorava a força do trabalho não se poderia permitir que essa força se dissipasse nos prazeres.

Freud (1969, citado por BARROSO e BRUSCHINI, 1982) sustentava que a repressão à sexualidade tem um motivo econômico, pois a sociedade sem condições para sustentar a vida de seus membros sem trabalho por parte deles restringia a procriação dos homens desviando suas energias sexuais para o trabalho.

Catonné (1994) refere a repressão sexual oriunda do desejo da burguesia em afirmar-se como classe dominante.

Para Tockus (1986) o crescimento do sentimento da vergonha é, antes de tudo, uma consequência da mudança de estrutura social.

A Igreja, enquanto instituição, perpetuou a idéia da sexualidade como sujeira, “criou a fobia de desprezo pelo corpo e a obsessão persecutória da carne” (CATONNÉ, 1994, p.25). Instala o casamento como uma salvação aos pecados do desejo, visando uma castidade conjugal com finalidade procriativa.

A sexualidade é, então, discretamente reprimida. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, apenas com função de reproduzir. (FOUCAULT, 1988).

Conforme Flandrin (1900) a moral cristã desconfia dos prazeres carnavais, porque através deles o espírito torna-se prisioneiro do corpo, impedindo-o de se elevar na direção de Deus. A Igreja argumenta que nos unimos a outro sexo para gerar filhos, mas não devemos nos prender aos prazeres sexuais, pois a sexualidade nos foi dada somente para nos reproduzirmos.

Segundo Nunes (1997) a figura do inferno era pregada para o povo como o “lugar dos pecadores e fornicadores, prostitutas e invertidos” (p.87). Clérigos e freiras pegas em pecado são queimados e enforcados, enquanto homens e mulheres têm suas partes sexuais queimadas. Instalam-se os mecanismos de repressão de toda sexualidade livre, principalmente usando o poder real e o confessionário.

Ariès (1987) refere que em nossas antigas sociedades, a sexualidade enquanto procriação era legítima, enquanto perversidade era condenada.

Segundo Foucault (1988) o confessionário católico sempre foi um meio controlador da vida sexual dos fiéis, e a confissão interpretada conforme parâmetros éticos. A Igreja intensificou o processo de confissão, não apenas dos atos, mas os pensamentos, as fantasias e tudo que se relacionasse a sexo deveria ser contado e examinado.

A confissão ainda hoje marca o mundo contemporâneo, pois ao sentir culpa perante o sexo, o homem tem a necessidade de confessar, quer ao padre, ao pastor, ao psicanalista, ao médico. Essa culpa introjetou-se através de rígida pregação com o poder da Igreja formando a imaginária moral-social (NUNES, 1997).

Refere Catonné (1994) que a Medicina tem seu apogeu social no século

XIX e acompanha as idéias puritanas da Igreja. A mulher devia conter seus desejos e em caso de masturbar-se era submetida à retirada do clitóris. Se “nervosa” ou demonstrasse apetite sexual, era submetida à retirada de seus ovários. A virgindade era também defendida pela classe e “inventou-se a teoria da impregnação espermática, que diz que a mulher guarda a impregnação de seu primeiro parceiro sexual pelo resto de sua existência” (p.74).

Conforme Nunes (1997) o tabu da virgindade em nossa cultura foi uma das mais terríveis formas de dominação da mulher. Ainda hoje muitos homens fazem questão de manter o mito da virgindade ou o disfarçam de alguma forma, pois ser o primeiro alimenta uma satisfação com significado de poder e domínio mais do que um ato de amor.

Tanto pela Igreja, quanto pela medicina, o homossexual era concebido como um anormal, pois a homossexualidade era considerada uma doença, capaz de influenciar e contaminar elementos sadios (ARIÈS, 1987).

Um médico, chamado Tissot, publica um livro descrevendo a prática da masturbação com um poder patogênico, capaz de gerar desde tumores à demência e, até mesmo, a morte. Muitos outros livros foram escritos na época, reforçando a idéia do onanismo como um “mal” causador de moléstias.

Calças fechadas na frente, anéis antimasturbatórios ao redor do pênis para que este não pudesse ser estimulado, amarrar as mãos dos jovens ou dormir com as mãos sobre o cobertor, cauterização do clitóris nas meninas, etc, foram os meios controladores do sexo e da masturbação do mundo moderno (NUNES, 1997).

Freud (1969, citado por BARROSO e BRUSCHINI, 1982) ao afirmar a

existência de uma sexualidade infantil, revoluciona o pensamento da época de que o sexo servia à procriação e ao pecado. Ele refere à repressão sexual como geradora de neuroses e inibidora do comportamento e, ainda, responsável pelas doenças e distúrbios físicos e psíquicos. Sugere que a satisfação de certas pulsões reprimidas libertaria o homem de seu estado de tensão.

Neste segmento, a psicanálise torna-se o remédio para as conseqüências das limitações a que se havia exposto a classe burguesa. A confissão tem um poder terapêutico, capaz de produzir efeitos sobre o sujeito.

Através dos tempos a sexualidade foi conquistando seu espaço, produzindo transformações e substituindo antigos dogmas.

Na percepção de Guimarães (1995), a sexualidade é um termo do século XIX, que surgiu para alargar o conceito de sexo, pois incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo. É um substantivo abstrato que se refere ao ser sexual.

A emancipação da mulher e sua luta para o controle do corpo, a pílula anticoncepcional e a união livre contribuíram ao avanço da liberdade sexual na contemporaneidade. O conhecimento da sexualidade penetra cada vez mais no domínio público e é inegável que o debate sobre a sexualidade vem se tornando mais aberto e ocupando espaços públicos.

Segundo Nunes (1997) vivemos num ambiente sexualizado e os discursos sobre sexualidade entrelaçam todas as esferas da nossa vida cotidiana.

A sexualidade humana, mais do que o ato sexual e reprodução

abrangem as pessoas, seus sentimentos e relacionamentos. Implicam aprendizados, reflexões, planejamentos, valores morais e tomadas de decisão.

A Teoria Psicanalítica afirma que a sexualidade não está ligada apenas

(...) às atividades e ao prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas a toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc) e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual (LAPLANCHE e PONTALIS, 1979, p.619).

Muitos são os autores que disputam estabelecer as verdades sobre a sexualidade, sexo e relações de gênero.

Pinto (1999, citado por SOARES, MORAIS e BRITTO, 2004) refere que a sexualidade não se restringe à busca de um parceiro, nem se reduz à união dos órgãos genitais do coito. A sexualidade humana está representada por símbolos que direcionam o desejo e são por ele direcionados.

Louro (2000) afirma que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal e privada, mas que se constitui num campo político, discutido e disputado e acarreta um exercício de poder que discrimina, separa e classifica a sociedade.

A sexualidade é uma energia forte e mobilizadora, “uma dimensão da expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar de desejo, do prazer e da responsabilidade” (CAMARGO, 1999, p.40).

Nunes e Silva (2000) referem que a sexualidade é uma manifestação ontológica da condição humana, isto é, faz parte da própria constituição intrínseca do que seja o ser humano. Torna-se assim uma das mais privilegiadas dimensões de sua manifestação subjetiva, histórica e social.

A partir do século XX a sexualidade humana tornou-se objeto de estudo



de diferentes áreas do saber, e inúmeros conhecimentos foram e vêm sendo produzidos (e reproduzidos) nas instituições, na família, na escola, modelando-nos e definindo-nos como sujeitos no dia-a-dia das relações sociais (CAMARGO, 1999).

Informações importantes são fornecidas por pesquisas científicas no que tange ao desenvolvimento da sexualidade humana. A fecundação *in vitro*, a AIDS e o desejo pelo orgasmo são o resultado dos novos tempos. Se por um lado, representam a evolução de uma sociedade livre da repressão sexual, por outro, remetem esta mesma sociedade a uma polêmica discussão de seus valores morais, éticos e biopsicosociais.

Schelsky (1968) afirma que a busca pelo orgasmo tornou-se uma convenção social e o homem tornou-se escravo do sexo. Refere que a potência orgástica constitui o elemento essencial de busca da felicidade, e desta forma o homem perdeu totalmente de vista a importância da sexualidade para a sociedade como um todo.

A Aids tornou-se uma das mais complexas análises a serem feitas no campo da sexualidade, suas causas, procedimentos e os impactos na dinâmica das vivências sexuais contemporâneas.

Mesmo nos tempos modernos, o comportamento sexual se submete a normas morais da sociedade. Mesmo sendo considerada como natural, a sexualidade sofre tabus e sanções sociais (SCHELKY, 1968). A homossexualidade, por exemplo, estabelecida no século passado como perversão, marca ao final dos anos 60, uma reviravolta nas relações de força entre as diferentes teorias da sexualidade com a decisão da Associação

Psiquiátrica Americana de não mais classificá-la como uma perturbação mental (POLLAK,1987).

Mas é correto afirmar que os homossexuais continuam sofrendo preconceitos sociais e lutam à integração na sociedade, assim como as mulheres, que lutam pelo seu espaço de igualdade no mundo machista.

Nesta luta social, a estrutura familiar se encontra abalada, cada vez mais distante dos discursos dogmáticos sobre a sexualidade e invadida pelos discursos consumistas, liberalizantes dos meios de comunicação, da pornografia e de outros agentes sociais. A religião conservadora perde espaço aos costumes da nova moral sexual (NUNES, 1997).

A liberdade crescente da sexualidade nos anos sessenta significou para alguns, o início de uma era de permissividade; para outros, a instalação da revolução sexual e ainda, há quem pense em um aumento da mercantilização do sexo (LOURO, 2000).

Highwater (1992, citado por NUNES,1997, p.37) quando refere que a “transformação do corpo humano em mercadoria é, senão, um dos resultados da comercialização do sexo”. O ideal da liberdade de expressão, que abriu as portas à reprodução do ato explícito, “tem o seu lado sombrio: molestamento de crianças, estupros, mutilações sexuais e violência”.

Os relatórios Kinsey, abordando a sexualidade na década de 70 nos Estados Unidos, trouxeram ao conhecimento do grande público, através de estatísticas sociais, a prova da extrema variabilidade e da multiplicidade dos atos sexuais e seus efeitos sociais e psicológicos, sugerindo que o comportamento sexual busca se adaptar as normas morais e normalizadoras

da sociedade.

A forma variável da sexualidade faz parte das modificações e evolução da civilização. As teorias sobre a sexualidade formuladas numa determinada época e sociedade coincidem com as teorias sociais do momento.

Para Schelsky (1968) a necessidade de uma interpretação sobre a sexualidade aparece com a criação do individualismo ocidental pelo cristianismo. Afirma que enquanto os impulsos sexuais foram orientados pela sociedade, ritualizados pela religião e moral, a sexualidade não constituía nenhum problema ao indivíduo. Mas no momento em que o cristianismo despertou em cada um o cuidado com a salvação da alma, o indivíduo se encontrou diante do valor individual de seus atos ligados, acima de tudo, à sexualidade.

O autor acredita que a sociedade avalia e interpreta a sexualidade a partir dos interesses coletivos e das formações sociais do comportamento sexual como a procriação, vida conjugal, higiene, potencial social e político da população, estatuto social da família, etc. Do ponto de vista individual, os interesses pessoais do indivíduo dão o sentido à sexualidade, como a salvação da alma, amor, prazer sensorial, sensualidade, etc.

Durante séculos a sexualidade vem sendo interpretada segundo princípios religiosos, morais e sociais. As ciências naturais modernas influenciaram a evolução do comportamento sexual, permitindo uma nova visão e compreensão da sexualidade e do amor.

Segundo Schelsky (1968) a autonomia de ordem médica e biológica, que se deu à sexualidade, abriu novas possibilidades de ação, principalmente

do ponto de vista social e uma terapêutica moderna no terreno da sexualidade. Significa, por exemplo, poder falar abertamente sobre doenças sexualmente transmissíveis objetivando a promoção de saúde através da prevenção.

Comparada à vida amorosa antiga, a contemporaneidade parece caracterizar-se por uma maior liberdade. Contrapondo argumentos referentes à afirmação, pode-se pensar que é uma crítica à decadência dos costumes e convenções no plano das relações amorosas e sexuais, pois o homem torna-se livre, até para debochar de si próprio; por outro lado, pode significar que passou a existir maior individualidade das relações amorosas, uma preocupação com o sentimento (SCHELKY, 1968). Entende-se que o amor entre o homem e a mulher se libertará das exigências institucionais e experimentará a natureza subjetiva da vida do próprio indivíduo.

Percebe-se na evolução da sexualidade uma pressão da sociedade em favor de uma maior liberdade nas relações entre os sexos e a tudo que diz respeito à sexualidade.

Observa-se na sociedade atual um convencionalismo da liberdade, como por exemplo, quando uma jovem permite intimidades com um homem, ou aceita a união livre, pode estar atuando sob pressão de convenções de seu tempo, da mesma maneira como o fizeram suas tias ou avós quando, antigamente, se comportavam de acordo com os costumes rígidos da época (SCHELKY, 1968).

Todos nós, sujeitos constituídos socialmente estamos submetidos a um enquadramento sexual determinado com as bases históricas sociais (NUNES, 1997).

Falar de sexualidade implica retomar a história, a antropologia, a moral e a evolução social. “As relações sexuais são relações sociais, constituídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes” (NUNES, 1997, p.15).

Convencionou-se uma liberdade sexual “mascarada” aos olhos da subjetividade do indivíduo. A psicologia fez o homem olhar para si mesmo tornando-o confuso em relação à compreensão do Eu e dos outros. E neste momento a psicanálise perde grande parte de seu valor científico, pois o homem generaliza a interpretação de seu comportamento.

Nunes (1997) refere que as últimas décadas provocaram transformações enormes na compreensão e na vivência da sexualidade. Na sociedade brasileira houve muitas transformações com a influência dos veículos de comunicação. Estas transformações refletem-se nos valores, nos comportamentos, no modo de vestir, nas músicas, nos filmes e nas formas de relacionamento.

A influência dos hábitos de consumo também reflete o comportamento sexual da sociedade moderna. Sob a influência da produção publicitária visando às massas, o indivíduo é forçado (induzido) a sentimentos padronizados, como por exemplo, a ampla divulgação dos métodos contraceptivos, modelos erotizados na indústria da moda, cigarros que levam ao prazer, filmes e novelas explicitando práticas sexuais, etc.

O consumidor acredita que escolhe com toda liberdade, quando na verdade ele está há muito tempo subjugado pelo terrorismo comercial e compra

aquilo que lhe é imposto (SCHELKY,1968).

O mesmo autor argumenta que há uma sexualização do homem moderno de fora para dentro através dos meios de comunicação (revistas, música popular, cinema, cartazes publicitários, televisão, etc) que utilizam muito mais imagens eróticas do que ele poderia tirar de si mesmo.

Nunes (1997) refere que é irresistível o apelo sexual da máquina consumista e cada vez mais a sexualidade se vê tratada como objeto. Cada vez mais a pornografia alimenta adolescentes, jovens, adultos e velhos, com sua superficialidade grotesca e objetual, confundindo a verdadeira liberdade sexual.

A Internet possibilitou a todos o acesso ao mundo. O sexo é nela liberado, explícito, legalizado. Vende-se e compra-se sexo através de computadores.

Ao buscar uma liberdade individual, autônoma e humana, inevitavelmente o homem torna-se presa do consumismo sexual capitalista que hoje está presente em tudo o que fazemos, vemos e ouvimos (NUNES, 1997).

Neste confronto do homem com seus instintos, são maiores seus esforços no sentido de afirmar-se como pessoa e como individualidade, estreitando sua sexualidade com o seu espírito e sua alma. Freud acreditava na influência exercida pelo instinto sexual na formação do caráter, no estado psíquico e nas relações sociais dos homens entre si.

Segundo Nunes (1997) a sexualidade enquanto dimensão humana e com todos os significados que historicamente se acrescentaram sobre ela acabaram engendrando um certo estranhamento do sujeito humano com a sua

própria sexualidade.

É importante compreender a sexualidade conforme as relações sociais e culturais de cada época, bem como, aspectos econômicos e políticos no sentido de desvendar o poder que a ela envolvia.

A obra clássica de Foucault sobre sexualidade, publicada no Brasil em 1980 como História da Sexualidade, em três volumes, é uma referência a questões teóricas sobre sexualidade produzidas anteriormente. O pensador categoriza a concepção da sexualidade ocidental e oriental através dos discursos e práticas diferenciadas. Foucault afirma que o Ocidente desenvolveu “a *scientia sexualis*, entendida como um discurso confessional, expressivo, colonizado, incitado, forma de controle e delimitação do permitido, controlado”. Apresentar a sexualidade através do discurso tem um significado repressivo e controlador, vinculado à lógica, à racionalidade e ao poder (NUNES, 1997, p.24).

A forma de expressão da sexualidade no Oriente, Foucault define de “*ars erótica*, isto é, uma dimensão da sacralidade e do mistério envolvente e sedutor, um campo semântico e estético reservado aos iniciados, estimulado, sem limites, cerimonioso e ritual”, uma sexualidade não controlada pelo discurso racional e lógico nem pelas práticas institucionalizadas (NUNES, 1997, p.25).

Para Foucault (1984, citado por NUNES, 1997) a sociedade moderna ocidental disciplinou os corpos e os discursos, definindo regras do “permitido e o ilícito, do oculto e do perverso, do proibido e do oficializado” (p.25). Regulamenta o que deve ser dito e sabido, o que deve ser feito e o evitado,

controlando o desejo pela censura e as práticas pelo medo.

Percebe-se que os crescentes discursos sobre a sexualidade não devem ser entendidos como uma nova moral libertadora e transformadora, mas uma imposição do poder e controle da sociedade sobre o sujeito. Estes discursos impõem estigmas, punem, julgam e pré-conceituam.

As sociedades impõem as regras sociais de comportamento, valores, interesses e tradições. A virgindade é um exemplo para a compreensão desta afirmação: em muitas sociedades exige-se a virgindade pré-nupcial, enquanto em outras ela não é valorizada.

Uma das formas primordiais da virgindade era a de manter a filha virgem para “negociá-la” por uma aliança comercial ou econômica nas classes abastadas, o que não era exigido entre as classes que não possuíam propriedades.

Na opinião de Nunes (1997) romper com o pensamento dominante sobre a sexualidade, que a reduz a noções biologistas, instintivas ou instituições morais é a atitude motivadora para a sua compreensão.

A sexualidade é uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana, e sua compreensão envolve controvérsias e diferentes posições morais e políticas através dos tempos, pois compreender a realidade é compreender a evolução dos tempos.

Nunes (1997) apresenta a compreensão da sexualidade em sua constituição através de cinco etapas: a primeira é a compreensão mítica das sociedades agrárias no Oriente Médio, onde existia o culto à fertilidade, manifestado pela adoração das partes sexuais femininas. A religião e a magia



cultuavam estes povos, como ainda hoje na Austrália e África; a segunda etapa acompanha as civilizações urbanas do mundo antigo, onde o sexo perde seu caráter mítico e passa a ser racionalizado, mais conhecido, mais controlado. Difere-se o sexo da fecundidade e é introduzida a noção de prazer e o estímulo ao homossexualismo (este último pela educação exclusivista do homem, pela exaltação dos valores masculinos, aos exércitos e a organização dos negócios); a terceira etapa caracteriza-se pelo cristianismo, com a Igreja catequizando e organizando, com o predomínio dos valores espirituais e morais, com o medo das condenações eternas. Isso traz uma nova compreensão da sexualidade e um novo comportamento sexual: dominar o corpo e reprimir o sexo. A sexualidade passa ao controle da religião e nessa mentalidade cristã o sexo está preso à idéia do pecado, da sujeira, da maldade. Multiplicam-se conventos e mosteiros, pois a castidade passa a ser a maior virtude; a quarta etapa da compreensão da sexualidade está ligada com o advento da sociedade capitalista onde a nova sociedade precisa muito da energia sexual para o trabalho, e a repressão à sexualidade é muito forte. O sexo serve, unicamente, à procriação; A quinta etapa caracteriza-se pela sociedade de consumo, pela oferta dos prazeres mecanizados, como bonecas de plástico vibradoras, a multiplicidade das posições, jogos amorosos, estímulos e técnicas aprofundando o sentimento de fracasso.

Entende-se que todo o movimento repressivo da sexualidade ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII começa a se modificar com o capitalismo no século XIX. Entre os séculos XIX e XX, surgem os conceitos revolucionários de Darwin referentes às ciências naturais, Freud, abordando as neuroses e

traumas do homem além da consciência e, Marx, estruturando as sociedades humanas sob mecanismos de exploração e reprodução ideológica.

Um novo modo de viver se constitui através do consumo. O capitalismo inaugura um grande progresso no plano das comunicações que se tornam o aparelho ideológico de enquadramento das massas consumidoras. Nasce a aldeia global onde todos se sentem integrados (NUNES, 1997).

Movimentos de contestação através dos jovens, do *rock*, grupos feministas, negros e homossexuais têm presente em seus discursos a libertação sexual, que era símbolo de outras liberdades exigidas. Mas “o capitalismo apreendeu a sexualidade como o grande grito e incorporou-a a sua máquina de consumo: toda a propaganda passa a falar de sexo, a estimular e referir-se aos anseios sexuais de nosso tempo” (NUNES, 1997, p.98).

Percebe-se um apelo ao sexo em tudo o que é oferecido, até as coisas mais simples são vendidas com conotação sexual. A mulher e sua luta se transformam em “garotas-propaganda” do sexo e seu corpo é consumido como objeto.

Entende-se que estes movimentos obtiveram muitas conquistas, além de maior liberdade sexual, através da música, do comportamento e nas novas formas de relacionamento, mas de um modo geral, o consumo é dominante. O sexo é objeto de consumo. Consumimos pessoas e coisas.

Marcuse (1975, citado por NUNES, 1997) refere que o sistema controlador permite manifestações compensadoras e quantitativas da sexualidade, mas não a humanização e o sentimento de afeto, que representam os aspectos qualitativos. Fala de um prazer mecanizado, com o

princípio do desempenho e do consumo. “Cria-se o “trepador compulsivo” que acumula experiências impessoais e compensatórias da não participação efetiva no domínio de nossa própria existência” (p.98).

Foucault afirma que o poder não tem hoje motivos para reprimir a sexualidade, pois esta é, hoje, seu principal mecanismo de controle e de reprodução ideológica (NUNES, 1997).

É verdade que não há contestação perante a pornografia, cenas explícitas nas telas, letras musicais falando abertamente sobre sexo, revistas expostas nas bancas, vídeos ao alcance de todos. Todos são veiculados abertamente.

Crianças, jovens e adultos são estimulados diariamente ao consumo com o distintivo da sexualidade. Pais, professores, governantes, trabalhadores, toda a sociedade está envolvida neste processo permissivo, alienante. Uma forma de sublimação à frustração existencial.

Para viver a sexualidade de maneira plena e livre é necessário encontrar formas de conquistar uma sexualidade nova numa transformação global da sociedade.

A dimensão atual da sexualidade humana só será transformada mediante completa destruição das relações humanas exploradoras e alienantes (NUNES, 1997).

Em meio à diversidade de discursos percebe-se a necessidade da busca de significações à sexualidade humana.

Para significar a sexualidade é preciso considerar o contexto de vida do sujeito. A evolução da sociedade ocidental-cristã. Esse modelo ocidental tem

uma relação profunda com nossos medos, limitações e traumas.

Nesse caminho a ser conquistado, a luta por uma nova sociedade é a constituição de uma nova mulher e um novo homem. Este desejo se perde no horizonte da utopia, argumenta Nunes (1997).

Freqüentemente os discursos sobre a sexualidade reduzem-se à crítica do machismo ou aos códigos repressivos da sociedade patriarcal. Mas a origem do conflito sexual se encontra, também, na raiz social. Nas relações de exploração do homem pelo homem no mundo da sobrevivência.

É importante lembrar que a começar pela linguagem bíblica, em que Deus cria a mulher da costela de Adão, símbolo de dependência, e nomeia o homem “senhor de todas as coisas”, o modelo masculinista é fortemente introjetado. O mundo patriarcal era (e ainda é) reforçado pela condição inferior da mulher ao homem. A adúltera era apedrejada e a menstruação tida como impureza.

A constituição de uma nova sociedade se dará pela total destruição da atual; assim como uma nova identidade de relação, no campo da sexualidade, se dará pela completa negação das relações hoje existentes (NUNES, 1997).

Deseja-se uma sociedade em que a sexualidade seja vista como espaço de desejo e afeto, sem violência, sem machismo, sem poder político, sem vivências neuróticas e relações competitivas.

Nesta perspectiva, entender sexo e gênero como entidades diferentes é imprescindível quando se pensa a dimensão da sexualidade humana na construção da subjetividade de homens e mulheres.

Bleichmar (1985) afirma que o substantivo gênero envolve todos os

aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade/masculinidade, reservando-se sexo para os componentes biológicos, anatômicos e para designar o intercâmbio sexual em si mesmo.

Stoll (1994) refere que biologicamente, os caminhos para ser menino ou menina não são muito distintos, e ao percorrê-los nos tornamos um ou outro por etapas. Argumenta que o recém nascido tem rotulado por médicos e família sua primeira identidade de gênero e que a partir deste momento é envolvido em discursos de masculino e feminino. Esta percepção de gênero é determinada pela atitude dos pais, mães, irmãos, babás e professores com relação à criança.

Desde o nascimento, a estrutura psíquica da criança é influenciada pela cultura e pelo discurso de todo um sistema de significações, a família, a escola e os grupos sociais.

Graciano (1978, citado por STOLL, 1994) afirma que o papel de gênero são normas referentes a atitudes, valores, reações emocionais e comportamentos considerados apropriados a cada sexo relacionado a uma cultura e momento histórico determinados

Ao longo do processo de socialização, meninos e meninas elaboram atitudes, crenças, preferências e comportamentos que são esperados e definidos pela cultura em sua sociedade.

Ao mesmo tempo, a construção da identidade das crianças é resultante de um processo no qual interagem os fatores biogenéticos e as contradições e pressões sociais com que se defrontam através de suas relações.

Podemos entender que ao longo dos tempos, a estrutura familiar

patriarcal educou o menino a exibir seu sexo, gostar dele, ostentá-lo com orgulho, enquanto com a menina, ao contrário, obriga-a a esconder seu sexo, mantê-lo misterioso, a não ter uma relação afetiva com sua identidade sexual.

Para o menino o modelo estimula e incentiva toda expressão sexual; para a menina, são impostos o domínio, a reclusão e a repressão (NUNES, 1997).

É importante colocarmos em discussão esses esteriótipos já prontos e definidos para compreendermos a real necessidade de uma mudança nas relações humanas e a compreensão da sexualidade.

O sistema convencional tem um forte apelo a nos manter repetindo as mesmas estruturas machistas e repressoras, onde prevalecem o poder, a dominação, a violência e a expropriação.

Em busca de liberdade, a mulher tem vencido obstáculos significativos, mas também muito perigosos. Suas conquistas têm-lhe custado um alto preço, o da vulgaridade mediante a competição com os homens, explicitada pela exploração de sua sensualidade.

É necessário que homens e mulheres compreendam novas formas de relação entre os sexos dentro de novas formas de relações sociais.

É preciso aprender a colocar-se no mundo com responsabilidade sobre sua sexualidade, com responsabilidade sobre a sexualidade do outro.

Dessa forma, os seres humanos teriam a “ciência e o desejo, o conhecimento e a paixão como formas de apenas superar o reino da necessidade pelo reino da liberdade”. Construiriam uma sociedade racional com novos padrões de convivência social e respeito ao trabalho, com

dignidade (NUNES, 1997, p.109).

## **1.2 Sexualidade na escola**

Em tempos passados, para garantir uma boa educação aos filhos, os pais os mandavam para internatos onde aprendiam maneiras “civilizadas” de comportamento, como, por exemplo, sentar-se à mesa com educação, sem pressa e sem demonstrar fome, não escolher o melhor pedaço, não arrotar, não bocejar, não roncar, etc. Quem não aprendia era comparado a um camponês (TOCKUS, 1986).

Aspectos repressores, morais e sociais eram incorporados à educação alimentando preconceitos ao longo do desenvolvimento físico e intelectual do educando, obrigando-o ao controle permanente de seu comportamento.

No princípio do século XVIII, a prática da masturbação torna-se alvo da educação repressora. Através da publicação de um livro, um médico atribuía ao onanismo conseqüências como a parada de crescimento, a loucura, tumores, fimose, epilepsia, impotência, histeria, etc.

Segundo Tockus (1986) outras obras foram escritas sobre o tema com grande sucesso e afirmavam que quem se masturba uma única vez pode morrer dentro de alguns dias e quem espera sair ileso será atingido ainda mais gravemente após anos de aparente saúde.

A mesma autora refere que em muitos colégios internos da época, os meninos dormiam com espinhos em suas costas e não era permitido que se cobrissem, apenas vestiam-se com pijamas, cuja origem é de repressão

sexual.

No século XVIII, foram construídos aparelhos tipo gaiolas, com pontas em seu interior, onde se colocava o órgão genital. Mediante uma ereção, havia a sensação de dor. Outros continham um dispositivo elétrico, que, com a ereção, acionava uma campainha no quarto dos pais ou do diretor da escola (TOCKUS, 1984).

Aqui no Brasil, como na Europa, a masturbação era condenada e perseguida por médicos e pedagogos. O onanismo aparecia como um perigo à saúde do masturbador que era denunciado pela sua aparência física. Esta “doença” deveria ser combatida pela sociedade e os colégios deveriam impedir este “mal” com conseqüências sociais.

Foucault (1994, citado por BONATO, 1996) afirma que os colégios surgem na Europa do século XVIII, como uma instituição disciplinar e normalizadora do corpo e do sexo. As crianças, isoladas de seu ambiente social, não se “desviariam”, pois estariam melhor controladas. Aqui no Brasil, os colégios seguem este modelo, e na tentativa de controlar a sexualidade do futuro cidadão, as crianças eram divididas por idade e por sexo.

Nunes (1997) afirma que no século XIX se estrutura a faixa dos jovens-adolescentes, com os internatos para eles e para elas, separadamente. É fácil compreender que o sexo, já era um pesadelo para os adultos educadores, ignorado ou até hostilizado nos estabelecimentos educacionais.

É certo afirmar que a educação sexual tem merecido maior ou menor atenção das autoridades conforme os interesses do sistema num determinado momento histórico.



Na França, século XIX, as idéias de Rousseau, para quem a ignorância era a maior garantia da pureza infantil, instala a informação repressiva, combatendo, sobretudo, a masturbação. Constitui-se uma educação “anti-sexual”. Já no século XX, a educação sexual se preocupava em ensinar aos jovens a transmitir a vida, proibindo a propaganda anticoncepcional e o aborto clandestino. Em 1973, é introduzida a educação sexual nas escolas pelo Ministério Francês da Educação (BARROSO e BRUSCHINI, 1982).

Na Suécia, a lei que impõe a obrigatoriedade da educação sexual nas escolas data de 1956. Na União Soviética, as informações sobre sexualidade deviam ser transmitidas com muita cautela e apenas a título de curiosidade. As autoridades soviéticas iniciaram um programa experimental de educação sexual em algumas escolas de Moscou, para posterior estudo e possibilidade de estender a todo o país (BARROSO e BRUSCHINI, 1982).

Na China Comunista, a abstinência sexual é recomendada aos jovens de ambos os sexos visando manter-se puros para o casamento. Notícia proferida pelo jornal de São Paulo, em 15 de fevereiro de 1978, relata sobre decisão do Tribunal Superior da República da Alemanha, diz que as aulas sobre educação sexual devem ser assistidas por todos os alunos das escolas, mesmo sem o consentimento dos pais (BARROSO e BRUSCHINI, 1982).

No Brasil, século XIX, a prática médico-higienista introduziu o ideal de família burguesa, definindo papéis sociais e sexuais do homem e da mulher desde a infância. Para que as crianças tivessem um bom desenvolvimento físico e intelectual, deviam ser disciplinadas e esta disciplina só seria alcançada com a separação por idade e por sexo, fosse na família, fosse na escola.

(BONATO, 1996).

Araújo (1993, citado por BONATO,1996) afirma que até cerca de doze anos, meninos e meninas podiam ter contato ao brincar, mas a partir desta idade, deveriam ser separados, principalmente em atividades fora de casa.

Estudos definem que a educação sexual surge no século XX, com influências médico-higienistas. A bióloga Berta Lutz tentou a implantação oficial da Educação Sexual na década de 20, mas a contestação era evidente em obras e discursos da época enfatizando que à família é dada esta responsabilidade de orientadora sexual e não à escola.

Bonato (1996) refere o autor Oswaldo Brandão Silva, como um exemplo do moralismo vigente da época. O autor, ao argumentar sobre seu livro, intitulado Iniciação Sexual-Educacional (leitura reservada), diz não ter um conteúdo obsceno e que “leitura reservada” significava ser um livro apenas para meninos. As meninas só deveriam ser iniciadas no sexo por seus maridos.

A escola surge, através das crianças, como um constructo da família moderna, da formação do cidadão adequado à sociedade. Os conventos e internatos eram inseridos como modelos perfeitos de educação.

No passado, como ainda hoje, o professor, a escola e a sociedade vêm o ser saudável como aquele ser que é limpo, asseado, disciplinado, obediente, enquadrado dentro de padrões de passividade, domesticação e conformismo (ALVES e CORTINOVI, 1997).

O sexo nos colégios tornou-se um problema público, alvo de conselhos médicos e projetos pedagógicos, pois todos deveriam ficar atentos aos hábitos solitários das crianças. Esta perseguição intensificou a prática e o estímulo a

outras, como a homossexualidade.

Segundo Bonato (1996, p.3) no final do século XIX no Brasil, os colégios, internatos e casas de educação eram considerados “foco de contágio moral” e considerados nulos para a educação. Uma reforma educacional se fazia necessária para o futuro do país.

O mesmo autor refere que políticos criticavam o fracasso da família em educar seus filhos para a construção de um Estado moderno e discursavam o ensino obrigatório. Acreditavam na competência da escola para a instrução de seus infantes.

Surge a proposta para a co-educação dos sexos, mas como uma experiência, primeiramente nas escolas de 1º grau. Bonato (1996) cita Rui Barbosa em um de seus discursos, afirmando que até a constituição sexual completa da mulher, é fisiologicamente um mal de incalculável alcance e irremediáveis resultados educá-la sob a mesma organização pedagógica e do mesmo regime disciplinar que o homem. É certa, uma prudência moralista em seus argumentos. Percebe-se neste discurso, a discriminação com o sexo feminino, uma sistemática repressora sofrida pelas mulheres já nos primeiros tempos de escola.

A escola mista é implantada por questões econômicas, mas com a presença de uma professora adjunta que evitaria a promiscuidade entre meninos e meninas maiores de doze anos. Assim, garantia-se o controle sobre a sexualidade das crianças e adolescentes no espaço escolar.

Não oficialmente, a educação sexual foi sendo imposta à escola, visando à higiene corporal, a virgindade das mulheres, a boa reprodução da espécie,

reforçando os papéis de homens e mulheres.

Os livros didáticos, ainda hoje, em sua maioria, reforçam os papéis sexuais, onde a figura do pai aparece como a autoridade que sustenta a casa e a mãe, nos afazeres domésticos, como figura bondosa e dedicada à família.

Stephanou (2000) afirma que as propostas médico-educativas estão ainda impregnadas nos dias de hoje na escola. Examina os discursos médicos das primeiras décadas do século XX e constata o caráter estratégico atribuído à educação escolar como sendo ideal para combater a ignorância do povo em relação a doenças, pois as influências da escola acompanham o homem por toda a vida. Informar as crianças significava combater os defeitos de educação herdados na família, por vezes inserida num “meio pauperizado, promíscuo ou lascivo” (STEPHANOU, 2000, p. 26). A escola poderia informar todas as crianças, formar uma consciência sanitária que as levaria a uma rotina saudável, pela influência de um meio escolar higienicamente organizado, pela prática do asseio e da moralidade. A sexualidade era pensada nos seus aspectos físicos, mentais, morais e sociais, sendo a educação escolar não só direcionada à transmissão de conhecimentos, mas na incorporação de hábitos higiênicos e saudáveis e no controle de impulsos.

Barroso e Bruschini (1982) referem que a função atribuída à educação sexual deve ser pensada historicamente, pois em determinados momentos foi considerada dispensável e até mesmo condenada, e na contemporaneidade foi lembrada como uma das soluções possíveis ao controle das doenças venéreas, do aborto, da Aids, etc.

O mesmo autor argumenta que a educação sexual é invocada como um

veículo capaz de inculcar nos jovens atitudes e conhecimentos que os levem a um comportamento reprodutivo adequado a determinada política demográfica: uma indução ao controle da natalidade.

Leal (2000), ao fazer uma análise dos livros didáticos para o ensino fundamental relacionados à saúde e à sexualidade, revela que a proposta resume-se a normas de higiene corporal e boa alimentação, responsabilizando o próprio indivíduo por sua saúde, sem levar em conta condições sócio-econômicas, discriminando classe, raça e gênero.

Em um esforço em disciplinar os corpos e os desejos dos indivíduos o impacto higienista não permite uma educação independente, conscientizadora dos processos individuais e subjetivos a realidade de cada um.

Por esta razão, para Alves e Cortinovi (2000), a discussão do ensino em saúde e sexualidade na escola, neste momento, pede aprofundamento.

Conceitos biológicos e prescrições médicas são insuficientes para explicar nossas vivências sexuais, não conseguindo dar conta da amplitude de suas manifestações, que são historicamente constituídas.

No que se refere à legislação oficial, que fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, a educação sexual não é mencionada, mas no parecer nº 2.264/74 do Conselho Federal de Educação, é citada como um objetivo a ser desenvolvido nos programas de 2º grau.

De acordo com Bonato (1996) em nível oficial, a educação sexual escolar ganha impulso com a implantação dos PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1995. Nos PCN's, a educação sexual aparece como orientação sexual, proposta no currículo de forma transversal, isto é,

como responsabilidade de todos e não mais, somente do professor de ciências.

Segundo Matarazzo (1984), seria lamentável que apenas os professores de ciências dessem especial atenção ao ensino de cuidados pessoais ou atitudes perante o sexo. Para a autora, é importante que todos os professores reforcem os vários aspectos deste aprendizado em suas próprias situações de ensino.

A sexualidade envolve preceitos como a Aids, anatomia do corpo, DSTs e drogas. Aborda, também, a gravidez indesejada, o aborto, e a homossexualidade. Como acreditar que, ainda hoje, se pensa a educação sexual como um estímulo à sexualidade precoce e à promiscuidade?

Cabral (1995) refere que a sexualidade humana tem sido um dos temas mais investigados nos últimos 30 anos, por causa de sua importância para os diversos campos da ciência. Mas esta investigação tem-se voltado para a educação, uma vez que a sociedade contemporânea se vê estarrecida diante de uma ameaça chamada Aids.

O trabalho de educação à sexualidade nas escolas exige planejamento e formação de educadores para um trabalho contínuo. O professor tem um papel fundamental no que se refere à sexualidade de seus alunos, mas nem ele, nem a família têm dado conta desta responsabilidade.

Numa época em que a pornografia explora a sexualidade humana, falar abertamente sobre ela pode esclarecer mitos e preconceitos que alimentam a ignorância do homem contemporâneo.

O Guia de Orientação sexual: Diretrizes e Metodologias do Pré ao 2º grau, resultado da tradução e adaptação do *Guidelines For Comprehensive*

*Sexuality Education*, Estados Unidos (1991), realizadas pelo Gtpos (Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual) e Ecos (Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana), e pela Abia (Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids) refere que sendo a sexualidade algo que se constrói e aprende, parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir da alfabetização ao desempenho escolar, a escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano e tem que investir na formação de professores para dar conta da tarefa.

Louro (2000) argumenta que para algumas pessoas, escola e sexualidade devem se constituir em duas instâncias distintas e absolutamente separadas, por ser a escola um espaço social de formação e convívio e a sexualidade uma questão pessoal e privada. A sexualidade engloba questões morais e religiosas, enquanto a escola deve afastar-se das polêmicas e conflitos.

Outros entendem que a sexualidade integra o indivíduo e a sociedade, sendo impossível não perceber que a sexualidade se constitui num aspecto importante da formação do sujeito e este, do grupo, exigindo atenção no contexto das políticas e programas educacionais (LOURO, 2000).

Apoiados em diferentes teorias e ideologias, argumentos a favor e contra a utilização da escola como um espaço para a educação ou orientação sexual, confrontam-se.

Louro (2000) refere que indiscutivelmente, “a escola, como qualquer outra instância social é, queiramos ou não, um espaço sexualizado e generificado”. Para a autora, na escola se encontram as concepções sexuais e

de gênero que constituem, histórica e socialmente, uma determinada sociedade, isto é, a escola em seu espaço físico, em seus regulamentos, currículos, normas, programas, em suas práticas, nas falas, atitudes e gestos das pessoas que ali convivem é interpretada pelas concepções de masculinidade e feminilidade, pelas formas de sexualidade de uma dada sociedade.

A educação sexual desenvolvida na escola compreende, principalmente, aspectos de identidade de gênero e sexo. Socialmente há uma hierarquia entre os sujeitos masculinos e femininos, atribuindo-lhes destinos sociais diferentes e desenhando-lhes perspectivas de vida desiguais; é uma sociedade que assume como legítima apenas uma forma de sexualidade, entendendo a heterossexualidade como a única forma normal e natural de existência. Diante deste argumento a discussão sobre gênero e sexualidade torna-se urgente e indispensável (LOURO, 2000).

Segundo Nunes (1997) posicionar-se contra uma reflexão sobre sexualidade é uma atitude que implicitamente reforça a educação tradicional, que educa o homem para o poder, para o machismo, que alimenta o mito de inferioridade da mulher, que estabelece os tabus, as proibições, e os medos sobre sexo.

Em nossa sociedade, em discursos políticos e religiosos, anúncios da mídia e nos programas escolares a família padrão é constituída por um homem e uma mulher heterossexuais e seus filhos, todos brancos, classe média e cristãos. Atualmente, múltiplas formas de se constituir e viver em família são experimentadas, mas a escola refere um único modelo e silencia sobre as



demais possibilidades. Essa pluralidade de arranjos familiares parece menos legítima e estas famílias são marginalizadas, discriminando muitas crianças e jovens (LOURO, 2000).

Da mesma forma, a escola ensina que apenas uma forma de sexualidade é normal. Quando se permite falar em vida sexual, refere o casamento entre um homem e uma mulher, heterossexuais e adultos.

A escola não fala da homossexualidade ou da bissexualidade. Finge desconhecer ou esconder meninos, meninas, jovens e adultos homossexuais (LOURO, 2000). A heterossexualidade é considerada normal, natural e verdadeira, enquanto qualquer outra forma de manifestação de desejo é patológica, anormal e pervertida.

É comum professores argumentarem que desconhecem ou não entendem sobre a homossexualidade. No entanto, “a ignorância sobre a homossexualidade é, seguramente, uma ignorância sobre a sexualidade, e também, uma ignorância sobre a heterossexualidade” (LOURO, 2000, p.92).

Percebe-se que esta ignorância traz implícita a idéia de que a sexualidade é uma questão do âmbito do privado. Muitos educadores preferem não se envolver nesta discussão e subestimam o conhecimento de seus alunos sobre o tema sexualidade, preferindo acreditar na inocência das crianças e jovens como conveniente.

Na verdade, não há uma época a iniciar a educação à sexualidade, pois nascemos seres sexualizados e não podemos continuar com esta concepção de infantilismo, encarando as crianças como assexuadas e ignorando o nível de tensão e interesse que a elas espreitam (NUNES, 1997).

Não tem sentido perguntar quando a educação à sexualidade deve ter início, porque ela acontece constantemente. Para isolar os jovens do sexo, teríamos que afastá-los do rádio, da televisão, das revistas, de seus companheiros e da maioria dos adultos (MATARAZZO, 1984).

Produzindo e construindo seus próprios saberes, através da mídia, programas de TV, propagandas, cinema, revistas, jornais, músicas, roupas, e principalmente, a Internet, etc, crianças e jovens consomem uma cultura juvenil extremamente atenta a questões de sexualidade. O que acontece, é que quando estes assuntos são negados nos espaços autorizados das aulas, passam a ser objeto das conversas escondidas, das gozações ou das pichações de muros e banheiros.

É importante observar que sexualidade precisa ser compreendida como distinta de sexo, pois se relaciona com rituais, palavras, fantasias, normas, atitudes, com componentes compartilhados por um determinado grupo.

A sexualidade tem a ver com o modo de vida das pessoas, seus desejos e prazeres, tem a ver, portanto, com a cultura e a sociedade, mais do que com fatores biológicos (LOURO, 2000).

Deste modo, a escola está envolvida na construção de nossa sexualidade, pois como instituição social participa culturalmente e socialmente da formação de nossa identidade.

A escola é o espaço também da crítica sobre a sexualidade e o laboratório das novas significações e vivências.

Nos últimos anos, a escola está mais aberta à discussão da sexualidade, mas o que parece ser uma boa notícia precisa ser examinado mais

criticamente. A sexualidade parece estar cercada pela doença, pela morte e pela violência, pois os programas escolares trabalham dentro de um quadro de ameaça. Questiona-se qual a melhor forma de abordar a sexualidade no âmbito da instituição escolar: como orientação, prevenção, informação ou esclarecimento? (LOURO, 2000).

Pesquisas revelam que a educação da sexualidade está associada a “saúde sexual”. Perante a Aids, às doenças sexualmente transmissíveis, os abusos sexuais, a gravidez adolescente, às práticas sexuais na mídia, a informação e discussão sobre a sexualidade que leve a prevenção e promoção da saúde não pode ser desprezada. A liberdade sexual nas redes de comunicação foge ao controle de pais e educadores.

Conforme Louro (2000), a escola ensina sexualidade cotidianamente, muito além das possíveis sessões de educação ou orientação sexual previstas no currículo. Um projeto educacional alternativo implica a discussão da sexualidade, na escola e fora dela. Para isso deve-se acolher as culturas e os saberes dos jovens; debater e problematizar significações do masculino e feminino que estão sendo feitas pela mídia, pelas igrejas, pelos discursos jurídicos e, logicamente, pelos estudantes, seus pais e professores.

Esta possibilidade implica em colocar a todos, face a face com suas histórias, preconceitos e concepções sobre a sexualidade. Rompe com o caráter biologistas da educação sexual reforçado pelos livros e currículos escolares.

Não se reduz educação à escolarização ou à instrução, mas a construir redes de significações culturais e sociais. A educação à sexualidade é um

fenômeno da sociedade e não uma tarefa primordial da escola.

É importante refletir sobre a família como principal educador sexual e pensar que os professores não podem substituí-la.

É possível dizer que ninguém é especialista nessa tarefa e que, por outro lado, todos somos por ela responsáveis; por isso, parece impossível tratar da educação da sexualidade de nossos alunos e alunas como se essa não nos afetasse: estamos todos envolvidos nesse processo (LOURO, 2000).

Na opinião de Oliveira (2000) além de seu papel na educação sexual formal, a escola desempenha papel importante na transmissão informal de conhecimentos ligados à sexualidade, isto é, o sujeito é educado sexualmente ao participar de grupos, vivenciar regras, conviver naquele espaço específico. Sem se dar conta, uma professora pode ensinar aos seus alunos atitudes que os levem a internalizar este ou aquele comportamento, como por exemplo, “meninas têm que sentar direitinho”, influenciando aspectos de identidade sexual do masculino e feminino.

Para a autora, exercer a função de educador sexual não exige diploma de professor, mas é indispensável certo preparo. Desmistifica a idéia do educador sexual como profissional da área da saúde ou das ciências biológicas e enfatiza que o preparo para lidar com questões relacionadas à sexualidade tem pouco a ver com a formação acadêmica do educador e muita a ver com a sua postura frente à vida e à sexualidade (OLIVEIRA, 2000).

Soares, Morais e Britto (2004) referem que a postura do professor também é um indicativo da relevância e da identidade do trabalho. Posturas tímidas, repressoras ou cômicas também podem desencadear processos de

leituras deturpadas da sexualidade humana, que em confronto com as informações que recebem da mídia podem gerar confusões e significações retorcidas levando à vulgaridade da questão ou timidez para discussões sobre dúvidas que possam ter os alunos.

Conforme Nunes (1997) quando professores se apresentam diante de uma classe escolar para qualquer tarefa ou função, se apresentam com toda a sua pessoa, com toda a sua sexualidade.

A educação à sexualidade exige planejamento. É fundamental definir objetivos, conteúdos e métodos, avaliar os recursos necessários e considerar o preparo do educador neste processo. O contexto social do indivíduo deve ser considerado, pois cada um traz à sala de aula uma bagagem particular de vida.

Quando a escola decide trabalhar com questões ligadas à sexualidade dos alunos, a tarefa recai naturalmente sobre os professores e, dentre estes, preferencialmente os da área de ciências biológicas. Este argumento dá a idéia de que a sexualidade está exclusivamente ligada à reprodução, explicada pela biologia e fisiologia do aparelho reprodutor. É negado o sexo como fonte de prazer (OLIVEIRA, 2000).

Educadores que dominem, ao mesmo tempo, os conteúdos biológicos e a prática à educação da sexualidade são difíceis de encontrar. Entender que os professores não sabem tudo pode ser um começo à prática da educação sexual na sala de aula. Falar sobre sexo causa desconforto e lidar com a sexualidade dos outros requer um conhecimento da própria sexualidade.

Oliveira (2000) refere que os cursos de formação de professores não entendem a sexualidade como conteúdo ensinável, ou seja, parecem acreditar

que professores e alunos conseguem se desvencilhar de sua sexualidade para irem à escola. Reduzem o indivíduo a suas funções cognitivas, capazes de se desvincularem da vida real. O despreparo do professor para o reconhecimento do aluno no seu todo tem dificultado a compreensão da sexualidade como conteúdo natural da educação. Natural porque inerente à pessoa - professor e à pessoa - aluno.

Arroyo (1989, citado por OLIVEIRA, 2000) argumenta que na escola o que mais se educa não é a cabeça da criança, mas seu corpo, e desconhece nos cursos de Pedagogia ou nos treinamentos, qualquer estudo pedagógico do corpo enquanto totalidade.

É certo que os professores não têm sido preparados para uma prática pedagógica incluindo a sexualidade como conteúdo, mas no dia a dia da sala de aula, eles se vêem envolvidos em situações explícitas relativas à sexualidade, elas fazem parte das demandas educacionais.

Uma outra dificuldade é a questão da linguagem. Não há linguagem para a sexualidade, pois de um lado, há uma linguagem tradicional, depreciativa, estereotipada, estigmatizada, freqüentemente, de baixo nível; de outro, a linguagem sexual é mais humanizada, afetiva e significativa (NUNES, 1997).

Segundo Matarazzo (1984) há uma diferença importante em aprender os nomes dos órgãos do aparelho reprodutor e os nomes dos órgãos dos aparelhos respiratório, digestório e circulatório. Fomos educados acreditando que o sexo é algo feio que não deve ser mencionado. Esse sentimento de vergonha se origina das atitudes de nossos pais e professores gerando em nós embaraços e inibições.

De acordo com Nunes (1997) a discussão de um tema tão delicado tem maiores possibilidades de ser desenvolvido na intimidade e cumplicidade da relação professor-aluno que é estabelecida no ambiente da sala de aula.

Oliveira (2000) refere que mesmo não estando preparados, os professores acabam fazendo educação sexual: fingindo não ouvir uma pergunta mais apimentada ou dando uma resposta evasiva, já estão ensinando algo para o aluno. A autora sugere que para lidar com o constrangimento quando o assunto é sexo, o melhor é tratá-lo com honestidade.

Trabalhar questões de sexo e sexualidade na escola ainda é alvo de discussão e polêmica.

Pais e professores ainda se sentem constrangidos ao terem que falar destes assuntos, provavelmente, em função da repressão a que foram submetidos, o que certamente contribuiu para a falta de informação sobre questões ligadas a sexualidade.

Por este motivo, o caráter biológico e preventivo é enfatizado dentro dos lares e nas salas de aula, disseminando o medo e pré-conceituando comportamentos e atitudes ligadas ao modo de vida do sujeito.

É certo que cada vez mais o discurso da família e da religião perde espaço para os meios de comunicação e ideologias do sistema capitalista ocidental. A escola, presa ao Estado, tem um discurso resistente aos novos saberes de padrões e valores, enquanto os pais sentem-se confusos perante a rápida mudança de padrões de comportamento de seus filhos. Ao falar sobre menstruação, gravidez, masturbação e reprodução, recorrem ao sistema tradicional. Preferem lançar a responsabilidade à escola, ao médico, ao

psicanalista, e em outras classes sociais, aos padrões morais e à religião (NUNES, 1997).

Qual seria então o papel do educador? Deve ele ignorar o desejo que seus alunos expressam de conhecer seu próprio corpo através das mais diversas manifestações da sexualidade?

Nunes (1997) refere que a educação à sexualidade deve compreender a crítica de todas as construções, significações e modelos históricos e sociais, que envolvem as proibições, os interditos e as permissões, como também, a compreensão do pessoal, do afetivo, do existencial, sufocados pelo discurso tecnicista.

Respeitar valores morais ou religiosos trazidos pelos jovens é uma forma não diretiva de discutir a sexualidade, permitindo a eles as opções a serem tomadas.

Entende-se que é ainda muito difícil trabalhar a sexualidade enquanto as concepções de vida, das diferentes culturas e classes não sejam respeitadas; enquanto a desigualdade social dos diferentes grupos, principalmente, a de homens e mulheres não seja problematizada em todos os âmbitos.

A escola é um conjunto de relações sociais e humanas, mais do que salas, prédios, alunos e professores e desta forma contribui para a formação da identidade do indivíduo. Novos temas e problemas surgem todos os dias e não faltam pressões para que a escola dê conta deles. A sexualidade está presente explícita ou implicitamente em cada gesto, em cada palavra, em cada atitude e é preciso não só discuti-la, mas compreendê-la.

O professor deve questionar sua prática como alguém que constrói



subjetividades e possibilitar um espaço para a discussão crítica sobre o tema sexualidade, ressignificando sensações, impressões e vivências, possibilitando maior conhecimento sobre si mesmo, sobre o aluno e sobre o mundo.

A educação à sexualidade deve ter um caráter formativo amplo, que propicie a livre discussão de normas e padrões de comportamento em relação ao sexo, bem como das atitudes dos jovens frente à sua própria sexualidade, sem deixar de lado a informação científica também importante.

É o conhecimento que dá um significado para as atitudes e para os comportamentos, refere Matarazzo (1984).

### **1.3 Sexualidade adolescente**

Considera-se que a adolescência é o período de crescimento que se inicia fisicamente com a puberdade e termina com a maioridade.

Blos (1998) refere que a palavra puberdade expressa as manifestações fisiológicas da maturação sexual e a palavra adolescência indica os processos psicológicos de adaptação à condição de pubescência.

Segundo Tiba (2000) a palavra puberdade vem do latim (púbis) e significa penugem, pêlo. A puberdade é a idade em que surgem os pelos genitais e num sentido amplo, é usada para indicar o início da adolescência, quando ocorrem modificações sexuais, corporais e psíquicas.

Conforme Papalia & Olds (2000) na adolescência, as alterações hormonais da puberdade, modificam a aparência dos jovens e seus pensamentos e sentimentos mudam sobre quase tudo. Sua principal tarefa é

estabelecer uma identidade adulta, incluindo uma identidade sexual.

É na puberdade que surgem as características sexuais secundárias femininas e masculinas, incluindo a secreção dos hormônios sexuais responsáveis pelo amadurecimento do óvulo na mulher e do espermatozóide no homem.

A atividade masturbatória é freqüente, um misto de curiosidade, experimentação e avaliação do seu desenvolvimento e capacidade sexuais.

Para o jovem, nada é mais importante quanto sua primeira relação heterossexual, não só do ponto de vista sexual, mas significando uma espera ansiosa, questões de auto-afirmação e auto-estima, sucesso obrigatório e muitos temores (TIBA, 2000).

Blos (1998) refere que nesta fase, há uma vida emocional muito mais ampla e mais rica, direcionada a metas, visando ao crescimento e à definição do “eu”. Há uma mudança na organização das pulsões e a genitalidade ocupa o lugar de primeira ordem. A heterossexualidade e a renúncia ao objeto incestuoso se afirmam.

É característica também a ambivalência, expressa no amor-ódio e nos desejos instintuais ativo e passivo. Ao mesmo tempo, o adolescente lida com a

(...) sujeição-rebelião; sensibilidade delicada-grosseria emocional; espírito gregário -retraimento para a solidão; altruísmo-egoísmo; otimismo sem limites-desesperança total; apegos intensos-súbitas infidelidades; grandes ideais-mesquinha; idealismo-materialismo; dedicação-indiferença; aceitação de impulso-rejeição de impulso; apetite voraz; indulgência excessiva-autonegação cruel; exuberância física-inércia (BLOS, 1998, p.101).

Para a teoria psicanalítica há o enfraquecimento do Superego e o Ego se torna ineficiente no controle das pulsões mediante o mundo externo.

Nesta fase, valores, padrões e leis morais entram em conflito com a

autoridade dos pais e professores e esta separação dos laços objetivos antigos, leva o adolescente a um sentimento de vazio, uma agitação interna que pode levar à busca de alívio no ambiente, em oportunidades nem sempre positivas.

O amigo nesta fase é muito importante e segundo Papalia e Olds (2000) há um desejo irresistível de ser como ele. Para Blos (1998) há uma idealização do amigo, pois este possui qualidades que o adolescente admira e indiretamente passa a possuí-la na relação.

Os desejos edípicos e sua conflitiva ressurgem, caracterizando uma personalidade adolescente narcísica, resultado da dificuldade em abrir mão do pai ou mãe. Há uma supervalorização do “eu”, expressa na arrogância e rebeldia, no desafio às regras e questionamentos de autoridade. Este período é positivo, pois há um caráter progressivo de desligamento que leva a estruturar a auto-estima do adolescente com base na realidade (BLOS, 1998).

Este período é marcado por incertezas e dúvidas a respeito de si mesmo e do mundo, levando o adolescente a desenvolver defesas, como a intelectualização e o ascetismo (BLOS, 1998). Há uma preocupação com os problemas filosóficos, políticos e sociais e o envolvimento com a religião. É importante salientar que nesta fase a criatividade e fantasia estão no auge, levando o adolescente a interagir socialmente.

Piaget refere que nesta fase os adolescentes desenvolvem o mais alto grau de desenvolvimento cognitivo – as operações formais, caracterizadas pela capacidade de pensamento abstrato (PAPALIA e OLDS, 2000).

A vivência adolescente é um período turbulento, de desorganização psíquica causada pela puberdade e pela difícil tarefa de descobrir “Quem

sou?”. Tomar decisões, ter opiniões, abandonar objetos parentais, ser aceito pelo grupo, enfrentar o mundo, reviver o complexo de Édipo e escolher um novo objeto de amor são algumas questões que despertam sentimentos ambivalentes ao adolescente e que, mediante um ego enfraquecido devido à força das pulsões acarretam intenso sofrimento.

A influência do meio onde vive o adolescente é fator determinante à sua formação de personalidade. Questões familiares, financeiras, educacionais e culturais, bem como experiências na infância, contribuem ao desenvolvimento estrutural deste jovem e o levam a construir sua singularidade. A escola tem papel fundamental na estruturação desta personalidade.

Todo adolescente passa pelas mesmas fases, ainda que cada um as atravesse em ocasiões diferentes, com maior ou menor rapidez. Isto ocorre em função da existência de um condicionamento genético para o desenvolvimento físico que, entretanto, não opera num vazio, sendo os fatores ambientais muito importantes.

Existe um ritmo diferente de mudanças fisiológicas nos adolescentes, que faz parte do padrão de crescimento de cada indivíduo, sendo que a idade cronológica não constitui um critério válido de maturação física e psíquica. As meninas, geralmente, começam sua evolução pubescente e atingem o crescimento antes dos meninos.

Os estímulos psicossociais podem exercer influências no metabolismo da formação biogênica que, por sua vez influenciará o comportamento e as emoções. Assim o processo de amadurecimento iniciado pelos componentes biológicos é amplo, e não é composto apenas por características individuais

isoladas, mas flui também da continuidade do condicionamento cultural no mundo em que vive o adolescente (LEWIS e WOLKMAR, 1993).

A relação entre condições hormonais, funções cerebrais e comportamento sexual estabelece base para qualquer consideração sobre o desenvolvimento sexual. Influências psicológicas também exercem um papel importante.

A definição da identidade sexual é a tarefa mais importante na evolução da adolescência. O indivíduo é conduzido, à medida que vai amadurecendo, a uma nova postura biológica e psicossocial, ou seja, homem e mulher, como produtores e reprodutores. Nesta fase, a sexualidade com genitalidade tem a possibilidade real de reprodução, obrigando o adolescente a assumir o papel sexual adulto (BIANCULLI, 1997).

Segundo Osório (1992) adquirir uma identidade nova como homem e mulher envolve viver experiências e identificações que ocorrem durante toda a vida, mas intensificam-se nesta fase. Participar do mundo social externo e lidar com as transformações físicas e psíquicas são fundamentais para a aquisição desta identidade.

A sexualidade nesta fase do desenvolvimento, portanto, desempenha um papel significativo no que diz respeito à auto-estima do indivíduo, o que explica o fato de o modelo sexual encontrar valorização no grupo. Há uma vulnerabilidade do adolescente às mensagens da mídia e do grupo de iguais que influenciam diretamente a atividade sexual (WEBSTER, 1991).

Desta forma, a satisfação do prazer acompanha o imediatismo típico deste momento evolutivo, onde o jovem lança-se a diversas experiências sem

pensar de fato na genitalidade ou na perpetuação de uma relação. Em muitos momentos as necessidades instintivas prevalecem sobre os controles do ego e do superego e a pressão para que as relações sejam consumadas é imperativa e acaba prevalecendo (KRUG, 2003).

Erikson (1976, citado por KRUG, 2003) refere que o amor adolescente é uma tentativa de chegar a uma definição da identidade. Assim, o adolescente diante dos impulsos da sexualidade procura uma intensa vida sexual, muitas vezes irresponsável, com vários parceiros.

Rappaport (1993) define que esta variabilidade seria a origem do “ficar”, termo usado pelos jovens para expressar relações rápidas, sem envolvimento afetivo, caracterizado desde um beijo a uma relação sexual completa.

Muitos são os fatores que levam o jovem adolescente a buscar experiências sexuais além do prazer físico: acompanhar os amigos, aliviar tensões e pressões, busca de intimidade, descobrir os mistérios do amor. Fatores como o uso de drogas, a estrutura familiar, a personalidade, condição socioeconômica, a idade, a etnia e o sexo, também influenciam o jovem adolescente a se relacionar sexualmente de forma precoce (PAPALIA & OLDS, 2000).

Para Aberastury e Knobel (1984) a angústia pela afirmação da identidade também pode levar o jovem adolescente a uma vida sexual precoce. O grupo, neste momento, é muito importante, pois nele encontra proteção e uniformidade de pensamento. O grupo torna-se uma espécie de laboratório onde o jovem inicia a sua caminhada sexual.

É significativo o número de adolescentes que começam a sua vida

sexual precocemente. Isto significa um aumento do número de parceiros sexuais, maior número de gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e outros problemas (Nakkab, 1997, citado por KRUG, 2003).

Krug (2003) relata pesquisa realizada em Porto Alegre, em 1998, por profissionais do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, mostrando que os adolescentes estão antecipando suas primeiras experiências de beijar, o ato de “ficar” ou o relacionamento sexual.

Mediante o apelo exagerado da mídia, cada vez mais cedo é revelada ao jovem uma forma distorcida de expressão da sexualidade, como mostram as novelas, filmes, comerciais, revistas, vídeos, etc. Percebe-se pais e filhos despreparados e confusos diante deste acelerado processo de informações.

A sexualidade adolescente ainda difere entre os meninos e as meninas no que se refere a sentimentos e desejos. Os meninos canalizam nos órgãos genitais os seus desejos e quando excitados preocupam-se com o alívio imediato, seja com a parceira, seja através da masturbação. As meninas, apesar de hoje serem mais atuantes, ainda são mais românticas, têm o amor em primazia (PAPALIA e OLDS, 2000).

Souza (1996, citado por CAMPOS, 1997) confirma este argumento referindo que para os rapazes os impulsos sexuais são muito dissociados e, portanto, separados da noção de amor. O desejo sexual é claramente localizado nos órgãos genitais; é urgente e costuma exigir rápido alívio. Mesmo preferindo uma companheira, ele pode achar natural satisfazer-se através da masturbação. As fantasias eróticas fixam-se em atributos físicos específicos como seios, pernas e genitais.

O mesmo autor refere que para as moças o amor tem prioridade sobre a genitalidade. Sentem excitações difusas e não diferenciadas de outros sentimentos, com fantasias ligadas ao romantismo, com entrega, impulsos maternos, modificações no humor. Nem sempre o orgasmo é o principal objetivo.

Também há diferenças em relação ao que se espera do comportamento e valores masculino e feminino reforçando a idéia da feminilidade associada a atitudes passivas, preservação da virgindade e vinculação do sexo ao amor. (RIETH e LEAL, 1996).

Desde cedo, meninos são estimulados a atitudes machistas, a exibirem seu sexo e a usar a força perante obstáculos. Meninas brincam de bonecas, sentam “direito” e usam vestidos.

Parece uma linguagem antiga, mais ainda hoje, as famílias são muito mais permissivas com seus filhos homens do que com as filhas mulheres. O rapaz pode trazer a namorada para casa e dormir com ela, mas à moça é recusada esta atitude.

Entende-se que a família assume uma postura diferente em relação ao adolescente, estimulando a sexualidade do menino e reprimindo a sexualidade da menina. Não é diferente na escola já que educadores também constituem famílias.

Atitudes como esta, podem desencadear conflitos entre as gerações, levando os jovens a agirem impulsivamente, resultando em ações impensadas, em relações sexuais promíscuas e sem prevenção, à gravidez adolescente, doenças venéreas, Aids, drogas, abortos, acarretando conseqüências muitas



vezes irreversíveis. Não menos importante, mas sem conseqüências graves, estão as pichações nos banheiros, as conversas escondidas, classes desenhadas, risadinhas e bilhetes manifestados durante as aulas.

Falar sobre sexualidade não é falar, apenas, sobre sexo. A sexualidade envolve atitudes, curiosidades, palavras, gestos, lágrimas, vergonha. A curiosidade leva o jovem a buscar respostas, pois sente-se confuso, com medo, pressionado. Ele precisa de apoio.

Falar sobre sexualidade envolve, essencialmente, o sentimento. Não basta apenas preservar-se dos estigmas e das doenças. É necessário que o jovem se conheça, conheça seu meio, tenha acesso a informações conscientizadoras de seu papel como sujeito participante na construção da sociedade.

A sexualidade adolescente é um tema desafiador a toda sociedade e aqueles que se encontram mais próximos aos jovens, como família e escola, não podem ignorar a importância de dialogar abertamente sobre o assunto.

## **2 MÉTODO**

### **2.1 Método: explicação da opção pelo método qualitativo**

O método qualitativo foi empregado nesta pesquisa, por adequar-se ao problema, por valorizar a natureza social da realidade a ser descrita e por compreender flexibilidade em sua interpretação.

Possibilita a formulação de questões abertas que abrangem a complexidade do fenômeno e contempla o contexto original onde ocorrem as situações estudadas.

Para Goldim (1997), a pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva. O objetivo está na visão do processo e os fenômenos observados são descritos repletos de significados que se relacionam com o ambiente e assumem conotações diversas daquelas normalmente realizadas com base em dados quantitativos. Segundo Gomes e colaboradores (1988), este método oportuniza a formulação de problemas a partir de observações e indagações acerca das vivências, buscando compreender o fenômeno na sua complexidade. De acordo com Kude (2000), a pesquisa qualitativa tem como objetivos desenvolver a sensibilização para conceituações, apresentar descrições e produzir teoria emergente, visando compreender o comportamento e as experiências humanas. Procura apreender os processos pelos quais os seres humanos constroem seus significados e visa descrever os mesmos.

Para Lüdke e André (1986), o importante na pesquisa qualitativa é deixar que o leitor estabeleça a própria reflexão, desenvolvendo novas idéias e

significados que constituem o que ele denomina de conhecimento tácito, sendo que este envolve a própria experiência do sujeito.

## **2.2 Participantes**

Constituiu-se de seis professores, dois do sexo masculino e quatro do sexo feminino, todos de uma mesma escola pública que ministram aulas para alunos de 8ª série do ensino fundamental. Os professores do sexo masculino atuam nas áreas de Língua Portuguesa e Educação Física; os do sexo feminino atuam nas áreas de Língua Portuguesa, Ciências, Matemática e Geografia. A idade dos professores encontra-se entre 35 e 45 anos.

## **2.3 Procedimentos para a coleta de dados**

Os dados desta pesquisa foram coletados através de entrevistas individuais, semi-estruturadas, com duração de aproximadamente 45 minutos no recinto da escola em questão. Seus registros foram feitos através de anotações e gravações em fitas magnéticas com autorização dos entrevistados.

Inicialmente, os tópicos estabelecidos nas entrevistas como roteiro básico dizem respeito à sexualidade: concepções, vivências, atitudes e reações.

No decorrer da entrevista foram abordados conteúdos inicialmente não previstos, mas importantes ao processo.

Segundo Alves-Mazotti e Gewandsznajder (1999) a natureza interativa da entrevista, permite o tratamento de temas complexos, os quais não obteriam êxito mediante um questionário, não tornando possível o contato à profundidade. A entrevista compreende ao pesquisador aspectos do comportamento e história de vida de uma pessoa.

Conforme Scarparo (2000) durante todo o período da coleta e análise de dados pode-se usar de meios para suprir a demanda do encontro como táticas de: silêncio, animação, elaboração, esclarecimento, retrospectiva, recapitulação, reflexão, mudança de foco e pós-entrevista. Também serve de ferramenta preciosa, o domínio do entrevistador nos procedimentos metodológicos, aliados a experiência, embasamento teórico e prático, para nas relações interpessoais disponibilizar seus recursos internos para desbloquear, focalizar, aliviar as tensões, estabelecer as fronteiras, delimitando o foco da investigação.

### **2.3.1 Instrumento**

O instrumento para a coleta de dados foi uma entrevista semidirigida, seguindo um roteiro com questões abertas abordando alguns tópicos que permitiram contextualizar o assunto e que possibilitaram uma exploração mais profunda dos pontos que foram julgados necessários e válidos para melhor compreensão.

## **2.4 Procedimentos para análise de dados**

A análise dos achados foi feita após a transcrição completa das entrevistas. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, por se tratar de material subjetivo e por entender que a mesma permite o conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social, além de analisar comunicações escritas ou faladas (CLEMENTE, 1992).

A Análise de Conteúdo para Bardin (1997) visa analisar sistematicamente a descrição do conteúdo das mensagens para a obtenção de indicadores que permitam inferir interpretações destas mensagens.

Moraes (1999) refere que a Análise de Conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa, que permite descrever e interpretar o conteúdo do material coletado, bem como possibilita reinterpretar as mensagens, dando margem a uma compreensão de seus significados, num nível mais profundo, além da leitura comum.

A análise de conteúdo integra-se, cada vez mais, na exploração qualitativa de mensagens e informações. É um método de investigação e compreende procedimentos específicos para o processamento de dados científicos.

Para a análise de dados desta pesquisa foram desenvolvidas as cinco etapas a seguir, propostas por Moraes (1999):

a) Preparação das informações: consiste em identificar amostras de informação a serem analisadas. Os documentos incluídos na amostra devem

ser representativos e pertinentes aos objetos da análise, além de cobrir o campo a ser investigado, de modo abrangente. Além de iniciar o processo de codificação dos materiais. Esse código poderá ser construído através de letras e respostas.

b) Transformação do conteúdo em unidades: consiste em reler cuidadosamente os materiais com a finalidade de definir a unidade de análise. As unidades de análise podem ser palavras, frases, temas ou documentos de formato integral. É importante reler todos os materiais e identificar neles as unidades de análise, codificando cada unidade e criando códigos adicionais, associados ao sistema de codificação já existente. Definir as unidades de contexto nos quais servem de referência, fixando limites contextuais para interpretá-la.

c) Categorização ou classificação das unidades em categorias: é uma operação de agrupar dados a partir de algo comum visando classificar os elementos de uma mensagem, através de certos critérios. A categorização torna-se a síntese de uma comunicação, em que são evidenciados os seus aspectos mais importantes. A categorização deve ser fundamentada na definição precisa do problema, dos objetivos e das informações a serem trabalhadas na análise do conteúdo. Torna-se necessário apreender o significado dos dados, através de repetidas leituras, oportunizando o refinamento progressivo das categorias.

d) Descrição: após serem definidas as categorias e identificado o material que constitui cada uma delas, comunica-se o resultado desse trabalho. A descrição é o primeiro momento dessa comunicação. Então, produz-se um

texto-síntese para cada uma das categorias. E estes textos conterão o conjunto de significados presentes nas várias unidades de análise nelas incluídas. A descrição é de essencial importância na análise de conteúdo, pois este é o momento de expressar os significados captados através das mensagens analisadas, sendo possível assim verificar a validade da pesquisa e de seus resultados.

e) Interpretação: a interpretação é usada para atingir a compreensão mais profunda do conteúdo das mensagens. Esta etapa é imprescindível, principalmente, na análise de conteúdo, de natureza qualitativa. Através da interpretação, o analista de conteúdos procura esmiuçar não só os conteúdos manifestos pelos autores, mas também os latentes ou não ditos. Através destes conteúdos, verbais e não verbais é feita uma leitura de caráter mais subjetivo no qual sofrerão a influência da visão dos fatos pela influência do leitor.

As etapas foram sendo realizadas a cada entrevista, até a síntese resultante, interpretada coerentemente com o embasamento teórico escolhido para sustentar esta pesquisa.

### 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão dos resultados foi realizada a partir das categorias apresentadas (conforme anexos), tendo sido analisadas e interpretadas de acordo com a fundamentação teórica desenvolvida na pesquisa. Para melhor compreensão dos resultados são colocadas partes das falas dos participantes, os quais, para observação do resguardo dos nomes, foram chamados de Afrodite, Atena, Ártemis, Zeus, Apolo e Hera.

#### 3.1 Postura

Fica claro a dificuldade de manejo da maioria dos professores diante das manifestações de sexualidade de seus alunos. Apesar da maioria compreender a sexualidade como um processo natural e de se esforçar para falar abertamente sobre o assunto, admite não saber o que fazer e o que dizer em alguns momentos. *“Algumas vezes não sei o que dizer, não me sinto preparada”*, argumenta Afrodite durante a entrevista.

Oliveira (2000) refere que, mesmo despreparados, os professores têm atitudes que levam à educação sexual de seus alunos influenciando-os em seu comportamento. O melhor a fazer diante de um assunto constrangedor como o sexo é manter uma postura honesta e reconhecer limitações. *“Não estou preparado... procuro ser o mais natural possível, não hostilizar, respeitar”*, refere Zeus.



Nunes (1997) afirma que a postura do professor reflete a relevância e a identidade do trabalho, devendo proporcionar uma discussão esclarecedora e séria. Brincadeiras e atitudes repressoras podem vulgarizar a questão ou impedir uma discussão saudável sobre o tema, impedindo o aluno de esclarecer suas dúvidas em relação à sexualidade.

Nas entrevistas verificou-se que poucos educadores percebem a sexualidade dos alunos desvinculada dos órgãos genitais através de suas roupas, diálogos, grupos, bilhetes, mas todos entendem a necessidade dos jovens em conversar sobre o tema. *“Observo bilhetes, grupinhos nos banheiros...”*, expressa Atena.

Aquino (1997) afirma que a sexualidade se expressa nas mensagens deixadas nos banheiros, nas pichações das paredes, nos bilhetes trocados, nos olhares ousados, nas pernas descobertas e nas braguihas abertas, principalmente na adolescência. O autor argumenta a eficácia de um debate reflexivo sobre a dimensão da sexualidade na contemporaneidade, já que deixou de pertencer apenas à intimidade da família para invadir o espaço da escola.

Os educadores reconhecem seu despreparo em determinadas situações e argumentam a falta de tempo para se dedicarem mais ao assunto em sala de aula devido ao conteúdo da disciplina a ser desenvolvido. *“Não se tem tempo, é muito conteúdo... às vezes finjo que não vejo”* desabafa Atena.

Para Oliveira (2000) o que tem dificultado a compreensão da sexualidade como conteúdo natural, é o despreparo do professor para o reconhecimento do aluno no seu todo e a forma como ele próprio lida com a

sua sexualidade.

Entre os entrevistados, apenas um admite não querer falar sobre o assunto com seus alunos. Argumenta não ser da área e ter uma postura antiquada, criticando as roupas das meninas como uma forma exagerada de manifestação à sexualidade. *“Considero-me rígida e antiquada, não é minha área, não incentivo”*, expressa Hera.

Bonato (1996) refere que alguns professores conteudistas revelam uma postura conservadora em relação ao tema, negando espaço, não só à sexualidade de seus alunos, mas à sua própria. Esse enfrentamento causa desconforto e a postura, geralmente, é repressiva.

Entende-se que a postura do educador revela receios, não só pelo despreparo acadêmico, mas devido a experiências pessoais vividas e internalizadas. Suas ações e reações refletem o meio, a cultura e a história da sociedade em constante transformação.

### **3.2 Doenças e gravidez**

A prevenção de doenças como a Aids e a gravidez indesejada é a maior preocupação entre os professores em relação a seus alunos. *“Tem que ajudar e prevenir qualquer doença”*, afirma Afrodite.

Segundo Aquino (1997), a juventude está em jogo diante do duplo dimensionamento do prazer e dos cuidados necessários à sexualidade. O autor acredita que temas como a Aids, a gravidez indesejada, o aborto, entre outros, são inevitáveis no dia a dia da escola, embora devam ser abordados dentro de

um complexo afetivo que a sexualidade humana supõe.

Todos os professores entrevistados se referem à informação sobre os riscos como a principal estratégia para se evitar estes resultados. Para Louro (2000), os programas escolares tratam a sexualidade como doença, morte e violência. *“Falta de informações e imaturidade trazem prejuízos como doenças e gravidez precoce”*, afirma Zeus. *“É assustador... parece que não se importam com os riscos”*, desabafa Atena.

De acordo com Nunes (1997) a orientação preventiva é o meio empregado pela maioria dos educadores e profissionais de educação, disseminando o medo mais do que o esclarecimento entre os jovens, provavelmente padrões de educação a que também foram submetidos.

Acreditam que o papel do professor é informar esclarecendo os prejuízos que possam vir a ter com doenças e uma gravidez indesejada, mas responsabilizam os jovens por suas atitudes, mesmo argumentando imaturidade e onipotência como características importantes na adolescência. *“Não se cuidam... o meu papel eu faço... estou sempre informando”*, argumenta Ártemis. *“Digo sempre para se cuidarem”*, afirma Apolo.

Leal (2000) refere que os livros didáticos educam para a higiene e boa alimentação, responsabilizando o próprio indivíduo por sua saúde, sem levar em conta seu meio sócio-econômico e cultural.

De acordo com Stephanou (2000), as práticas médico-educativas têm grande influência na educação escolar, direcionada não só à transmissão de conhecimentos, mas na incorporação de hábitos saudáveis e higiênicos, internalizados no sujeito de forma preventiva.

Conforme Aberastury e Knobel (1984), o adolescente se angustia pela afirmação de sua identidade o que pode levá-lo a uma vida sexual precoce e nesta fase, a sexualidade desempenha um papel significativo à auto-estima e à valorização do modelo sexual pelo grupo (WEBSTER, 1991). *“Não compreendem a gravidade... acham que não vai acontecer com eles”*, expressa Hera.

Sayão (1997) argumenta que esta geração é, talvez, a que mais dados tem sobre o corpo, o aparelho genital e seu funcionamento, mas é grande o espaço entre o saber e o que fazer. O autor acredita que a forma como estão sendo veiculadas estas informações torne-as inócuas, irrelevantes, esquecidas, deturpadas ou nefastas.

### **3.3 Família**

Todos os educadores entrevistados acreditam que a maior parte das famílias não dialogam sobre sexualidade seja por constrangimento, por ignorância, falta de estrutura ou vínculo afetivo. Muitos podem ser os motivos que levam os pais a não abordarem o tema sexualidade com seus filhos, e dentre os citados, a cultura herdada de gerações passadas tem um papel importante nesta relação. *“Os pais não falam com seus filhos sobre sexo... os meus não falavam”*, afirma Afrodite. *“Falta vínculo familiar... não há lazer”*, argumenta Hera.

Conforme Meirelles (1997), a família compreende todo o campo emocional e histórico de pelo menos três gerações e estas das gerações

anteriores. Os relacionamentos com pais, irmãos e outras figuras familiares passam por diversos estágios ao longo do ciclo de vida.

Os professores acreditam que a família tradicional vem se modificando através dos tempos, resultado da evolução tecnológica e necessidade de consumo. Devido ao trabalho, os pais ficam muito tempo fora de casa e não conseguem dar a atenção necessária aos filhos, repassando a orientação destes à escola ou aos meios de comunicação. *“O afastamento da mãe do lar deixou as crianças livres, abandonadas... sem orientação”* refere Hera. *“A educação começa na família... os pais trabalham muito para manter uma sociedade de consumo”*, acrescenta.

Nunes (1997) acredita que a estrutura familiar está abalada, cada vez mais distante da religião e muito envolvida com o consumismo. Refere que os pais, confusos diante da mudança de comportamento de seus filhos, recorrem à escola, ao médico e ao psicanalista para educá-los.

Mesmo diante desta responsabilidade, a escola deve reconhecer os valores que a família transmite aos filhos e reconhecer seus limites no trabalho de informar e auxiliar. Não cabe à escola competir com a família nem ocupar o seu lugar (SAYÃO, 1997). *“Alguns pais acham que nós devemos educar para o sexo”*, argumenta Ártemis.

Este afastamento dos pais provoca a falta de vínculo familiar, também intensificado com o número crescente de separações entre casais. Meirelles (1997) afirma que o vínculo é a expressão concreta de uma experiência de encontro e apego, mas que está fragilizado nas famílias modernas.

O jovem busca um modelo de identificação e o professor, muitas vezes,

significa a orientação e confiança de que precisa para esclarecer suas dúvidas, suprimindo a falta da família. Segundo Blos (1998) valores e regras entram em conflito com a autoridade dos pais na fase adolescente e esta separação o leva a um sentimento de vazio pela perda das figuras parentais, mesmo que imaginária.

Para Sayão (1997), nem todos os pais conseguem ver que seus filhos cresceram e que já podem e querem saber a respeito de “certas coisas”. A linguagem aprendida quando criança é o modelo dos pais e adultos que, hoje, o adolescente tenta abandonar.

A responsabilidade maternal é referida por alguns professores, como a principal estruturadora da sexualidade do jovem, delegando à mãe o cuidado e a orientação necessários ao comportamento e formação de personalidade do filho. *“Tem que ser uma mãe zelosa... mãe dominadora bagunça a sexualidade do filho”*, expressa Ártemis.

Sayão (1997) refere a mãe como protagonista principal de uma completude imaginada na infância pela criança, a mesma mãe que iniciou esta criança no mundo das relações e que hoje, na adolescência é rejeitada por representar tudo o que o jovem não mais pode ter.

Na sociedade moderna, a família se constitui em uma pluralidade de arranjos familiares, como separações, uniões livres, recasamentos, relacionamentos homossexuais, fugindo aos padrões da família nuclear ainda reforçados pela escola. Muitos jovens sentem-se atormentados e discriminados por não fazer parte desta estrutura familiar, refletindo em seu comportamento no ambiente escolar, intensificando sua angústia adolescente (Louro, 2000).

### 3.4 Gênero e preconceito

A maioria dos educadores entrevistados expressou concepções machistas em relação às mulheres. Reconhecem preconceitos, tabus e discriminações com o sexo feminino, mas referem os padrões morais conservadores como exemplos a serem seguidos. Argumentam sobre roupas, comportamentos e gravidez antes do casamento como um desrespeito aos bons costumes e à vulnerabilidade feminina. “*A mulher ainda está presa a tabus... casei grávida e fui discriminada*”, revela Afrodite. “*Mulher é discriminada*”, desabafa Ártemis. “*Algumas não se dão ao respeito...as roupas, seus modos, os vários relacionamentos*”, afirma Hera.

Airès (1987) revela que a mulher era símbolo do pecado e o preconceito à expressão da sexualidade feminina é referido por Catonné (1994) ao afirmar que no passado as mulheres não podiam demonstrar desejo sexual à pena de terem seus órgãos reprodutores retirados.

Nunes (1997) refere a virgindade como uma das piores formas de submissão feminina impostas pelo homem e sua condição de ser inferior ainda permeia a sociedade contemporânea desde a Bíblia.

Desde o nascimento a criança assimila significados de sexo e gênero, conforme a cultura familiar e o grupo social em que se desenvolve. Meninos e meninas são educados de forma diferente refletindo a expressão de sua sexualidade, pois enquanto o menino deve exibir seu sexo, a menina deve escondê-lo e reprimi-lo (STOLL, 1994). “*Tem os mesmos direito dos homens,*

*mas deve se preservar*”, refere Zeus ao falar da mulher.

Conforme Vianna (1997) criam-se vários estereótipos sobre homens e mulheres e suas atividades: os primeiros são agressivos, militaristas e racionais, e as segundas, dóceis, relacionais e afetivas. Ainda, segundo a autora, a mulher está associada à maternidade, alimentação, cuidado e educação, enquanto os homens são vistos como provedores e relacionados ao uso do poder.

Ao afirmarem que as meninas amadurecem mais cedo para o sexo do que os meninos são referidos termos como “cuidado e preservação” confirmando sentimentos paternos de proteção ao sexo frágil. “*Os meninos devem respeitar as meninas como se fossem suas irmãs*”, argumenta Apolo.

Entende-se que este comportamento tem origem nas sociedades patriarcais, onde a herança era passada aos filhos legítimos garantidos pela virgindade da mulher e das filhas, que eram casadas visando o bem dos negócios da família (FLANDRIN, 1987).

Mas é correto afirmar que as meninas alcançam sua evolução pubescente e atingem o crescimento antes dos meninos (PAPALIA e OLDS, 2000).

A sexualidade feminina vem sendo imposta pela sociedade conforme suas tradições, valores morais e interesses econômicos. Este processo histórico pode ser melhor compreendido se relacionado ao progresso, à industrialização e urbanização das cidades.

Através dos tempos a mulher tem conquistado seu espaço na sociedade, mas tem sido vítima de seu próprio jogo de sedução. Tem o seu



corpo erotizado explorado pela mídia e o que acredita ser a expressão da liberdade é um jogo de poder econômico que define as regras do jogo através do consumo, da definição de padrões corporais e modelos de beleza.

### 3.5 Homossexualidade

O preconceito é claro entre os professores, assim como a falta de conhecimento sobre o tema. Mitos e tabus registram a ignorância de alguns e a não aceitação é mascarada com o argumento de não saber o que fazer, confirmando a discriminação com a opção sexual do jovem. *“Será que são criados pela avó? São filhos únicos? O que fazer?”*, declara Ártemis. *“Não entendo muito bem, se é hormonal ou não”*, refere Hera.

Conforme Airès (1987) no passado a homossexualidade não era aceita pela Igreja e a medicina a tratava como doença. Esta idéia ainda permeia na contemporaneidade alimentando o preconceito de anormalidade para muitas pessoas.

A escola não fala da homossexualidade, mas ensina a heterossexualidade como única relação normal e natural entre os sexos (LOURO, 2000).

Apenas um professor argumentou a naturalidade da questão, trazendo o respeito e a orientação a estes jovens como essenciais, mas admite a falta de preparo dos educadores para lidar com o tema. *“Deve-se tratar igual... é natural a tentativa de descoberta, mas não estamos preparados”*, argumenta Zeus.

É na adolescência que se estabelece a identidade sexual, segundo

Papalia e Olds (2000) e para Bianculli (1997) é a tarefa mais importante na evolução da adolescência. Entende-se que a angústia destes adolescentes pode ser muito intensa trazendo prejuízos ao seu desenvolvimento psíquico e o acolhimento do professor pode amenizar o sofrimento de não ser aceito pelos colegas e, muitas vezes, pela família.

A mídia foi lembrada por abordar constantemente a homossexualidade em programas, filmes e novelas sugerindo a discussão e a problematização de um tema considerado polêmico por seu caráter discriminatório. “*A televisão tem focado a homossexualidade de forma forte*”, refere Zeus.

O termo “coitados” utilizado por um entrevistado revela uma concepção pejorativa sobre a homossexualidade e a falta de conhecimento para lidar com uma situação que foge ao seu controle. “*Coitados! Sofrem com as brincadeiras dos outros colegas... é bichinha pra cá, bichinha pra lá*”, expressa Atena.

A questão da normalidade também é questionada quando um professor refere que o aluno homossexual realiza as atividades “normais” junto com os outros, como se fosse um indivíduo diferente, com necessidades especiais. “*Faz a aula normal junto com os outros, o que posso fazer?*”, declara Apolo.

Só ao final dos anos 60 a homossexualidade não mais foi classificada como perturbação mental, sugerindo fortes influências médicas nos preconceitos e discriminações atuais.

Louro (2000) refere o preconceito dos educadores à sua própria ignorância e uma dificuldade pessoal em lidar com a sexualidade.

### 3.6 Mídia

Os meios de comunicação foram severamente criticados por todos os educadores. Argumentam sobre o apelo exagerado à sexualidade através de cenas e imagens erotizadas em filmes, novelas, músicas, propagandas e revistas. *“Há muito sexo na televisão, nos filmes”*, declara Apolo.

Segundo Nunes (1997) este apelo à sexualidade confunde a verdadeira liberdade sexual.

Os entrevistados consideram importante a informação através dos meios de comunicação, mas entendem que deveria haver maior controle da censura, dos pais e dos órgãos competentes no sentido de impedir que a informação se adeque ao horário e idade dos jovens. *“Está na hora da censura na TV, NET, filmes pesados... as informações estão em qualquer veículo, mas não há maturidade para processar... tem que determinar horários”*, desabafa Hera. *“Acho importante a informação na mídia, mesmo que algumas vezes seja demais”*, argumenta Afrodite.

Sayão (1997) afirma que, principalmente para os adolescentes, as publicações com muitas informações e conteúdos sexuais têm crescido e movimentado milhões de dinheiro. Mas não basta boa intenção, é preciso rigor científico, preparo profissional e formação pessoal para conversar com adolescentes sobre sexo.

Os educadores acreditam na forte influência da mídia no comportamento dos jovens, muitas vezes com conseqüências negativas, como a iniciação

precoce a relacionamentos sexuais, ao uso de drogas, à identificação com modelos fantasiosos de sucesso. *“A televisão e as músicas são responsáveis por influenciar o comportamento dos alunos. Começam cada vez mais cedo! As propagandas só têm gente bonita fumando e bebendo”*, declara Atena.

Nunes (1997) afirma que os veículos de comunicação têm influenciado transformações importantes da sociedade, refletindo-se no comportamento, nos valores e nos relacionamentos juvenis. Percebe-se que estas mudanças também afetam o adulto, também afetam o professor.

Para os professores, a maioria dos jovens não tem maturidade suficiente para compreender o apelo consumista, alienante e tendencioso dos meios de comunicação, pois em uma idade de formação à personalidade, ter sucesso e ser aceito pelo grupo é uma busca constante entre eles.

Nesta fase, o adolescente se torna mais vulnerável aos apelos da mídia e do grupo, confirma Webster (1991). *“A televisão apresenta ídolos sexualizados, bonitos, mostra cenas de sexo naturalmente e o jovem quer experimentar”*, argumenta Zeus.

Segundo Schelsky (1968) os hábitos de consumo, impostos pela publicidade padronizam comportamentos e atitudes que tornam o jovem cada vez mais alienado de seus próprios valores e desejos.

Entre os entrevistados, apenas um se referiu a discutir os temas da mídia em sala de aula como uma proposta conscientizadora e crítica à realidade que é mostrada pelos meios de comunicação. *“Sempre comento as últimas notícias voltadas à beleza e à sexualidade... o ator Marcelo Antony e seu envolvimento com as drogas”* declara Ártemis.

Sayão (1997) afirma que para discutir temas relacionados à sexualidade com os adolescentes requer uma linguagem dirigida ao jovem, que lhes seja íntima para que possam ouvir.

### **3.7 Professores e educação sexual**

Nesta categoria, os professores reconhecem sua responsabilidade sobre o desenvolvimento à sexualidade de seus alunos, mas admitem não estarem preparados para essa discussão. *“Têm pouca informação, não estão preparados, não se dão conta que a sexualidade faz parte”*, declara Zeus. *“A escola deixa muito a desejar”*, afirma Atena.

A formação profissional do educador, historicamente, tem sido a de disciplinar e normatizar os corpos e o sexo, conforme Foucault (1988). Propostas médico-higienistas de asseio, cuidados, prevenção e controle dos impulsos têm forte influência nesta formação impedindo uma educação mais profunda e esclarecedora à sexualidade, afirma Stefhanou (2000).

Apenas um professor se referiu à qualificação profissional para desenvolver o tema, mas a maioria entende que é preciso estar disponível para ajudar, ouvir e dialogar com os alunos, pois entendem que, como educadores, fazem parte da formação de suas personalidades. *“Tem que ser professor qualificado para falar sobre sexualidade”*, afirma Hera.

Segundo Pinto (1997), para lidar com adolescentes é preciso talento e, principalmente, a capacidade de ouvi-los e envolvê-los empaticamente. Para a autora, a intimidade gera a cumplicidade, proporcionando confiança e uma forte

aliança, principalmente se tratando de sexualidade. “*Alguns alunos precisam de diálogo, tem que ajudar*”, argumenta Apolo.

Para Sayão (1997) a formação profissional é fundamental e deve vir alicerçada pela formação pessoal e embasada em cientificidade.

Matarazzo (1984) lamenta que algumas escolas ainda transfiram a responsabilidade à educação à sexualidade aos professores de Ciências e Oliveira (2000) argumenta que a postura frente à sexualidade é mais importante do que a graduação do educador. “*Por que só o professor de Ciências? Onde está a interdisciplinaridade?*”, argumenta Zeus.

Nas entrevistas, a atualização dos educadores é referida como fundamental e a crítica à atuação ultrapassada e conservadora de alguns professores revela a inquietação de outros que percebem a importância da discussão do tema em sala de aula. “*Alguns professores trabalham como há trinta anos atrás*”, desabafa Zeus. “*A sexualidade é um tema pouco explorado pelos professores*”, declara Afrodite.

Oliveira (2000) refere um conteúdo reducionista nos cursos de magistério, pois não se discute sexualidade, apenas funções cognitivas. O professor não apreende o seu aluno como um todo, o que dificulta sua percepção à sexualidade.

O professor despreparado não vincula seus alunos, pois não fala a linguagem deles. Sayão (1997) afirma que muitos professores, mesmo sem perceber, já ficam incomodados em transmitir este tipo de conteúdo ao aluno.

Não basta compreender apenas o processo histórico-cultural da formação dos professores, mas também o processo histórico-cultural de seu

desenvolvimento como indivíduos. Família, preconceitos, repressão, tradições, valores e concepções constituem elementos formadores de suas personalidades que serão transmitidos à educação do outro.

### **3.8 Concepção**

Para a maioria dos entrevistados o significado de sexualidade está relacionado ao sexo, a relações sexuais e suas conseqüências.

Para Guimarães (1995), o termo sexualidade incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo, enquanto para Camargo (1999) é uma energia que envolve as relações humanas no prazer, no desejo e na responsabilidade.

A Teoria Psicanalítica afirma que a sexualidade não está ligada apenas ao aparelho genital, mas a satisfação de necessidades fisiológicas fundamentais e, para Louro (2000), constitui o poder e a política que regem as estruturas sociais.

Aquino (1997) propõe a expressão da sexualidade do adolescente através do olhar, dos cochichos, bilhetinhos, do “ficar”, dos risinhos, das pichações, desenhos e todas as formas que o jovem encontra para externar sua linguagem sexual. Os professores não conseguem, em sua maioria, dimensionar a sexualidade além da manipulação do corpo e do ato sexual em si.

Percebe-se que o meio histórico e cultural do indivíduo tem uma forte influência na fala dos professores, pois se referem ao passado e ao presente

ao expressar suas concepções. “*Não fui criada assim, com toda esta liberdade*”, declara Ártemis.

Nunes (1997) afirma que a sexualidade deve ser entendida conforme as relações culturais, políticas e econômicas de cada época. Para a autora, estão intrínsecas a antropologia, a moral e a evolução social da humanidade.

As gerações passadas têm permeado a construção do presente na educação à sexualidade. A família transmite valores que são incorporados, assim como influências extrafamiliares, livros, mídia e escola, constituindo as concepções individuais (SAYÃO, 1997). “*Não falava com meus pais sobre isso...só saía aos 15 anos*”, argumenta Hera. “*Fui reprimida pelos meus pais, era outra época*”, revela Afrodite.

A Psicologia é criticada por um entrevistado por não ter um posicionamento único e definitivo. A este respeito, Souza (1997) lembra do combate à repressão infantil na década de 60, acreditando-se que abdicar da repressão era criar as bases da felicidade. Anos depois, os psicanalistas começaram a criticar pais e professores pela falta de limites dados às crianças. Esqueceu-se que há formas destrutivas de amor e que, algumas vezes, a repressão pode ser constitutiva. “*A Psicologia sempre arrasa a teoria anterior: não se podia dizer não, hoje tem que dar limites*”, define Hera.

Entende-se que as ciências, incluindo-se a Psicologia, também têm evoluído e sofrido influências históricas e culturais através dos tempos. Se a educação se propõe a mudar seus métodos de ensino sem por isso perder a sua essência que é a significação do ser humano através de seu aprendizado, as ciências que estudam a mente também podem modificar suas teorias,



embasadas cientificamente, sem perder sua essência que é a saúde da psiquê humana.

Este mesmo entrevistado se refere ao caos sexual, pois acredita que o sexo tem sido imposto de forma desenfreada através do consumismo gerando uma liberdade sexual exagerada entre os jovens, sem moral e sem ética. “*Acho que estamos vivendo o caos... há sexo em tudo!*”, afirma Hera.

Schelsky (1968) refere uma sexualização do homem mais intensa através dos meios de comunicação. Os produtos de consumo são oferecidos em imagens erotizadas com modelos sedutores aludindo à sexualidade. Estas mensagens nem sempre são compreendidas por completo, construindo muitas vezes conceitos e explicações errôneas sobre a sexualidade (SAYÃO, 1997).

Percebe-se a compreensão à subjetividade à sexualidade do indivíduo, pois a maioria dos entrevistados entende que cada um tem sua própria história e formas diferentes de assimilar experiências vividas. “*Cada um tem o seu jeito e aprende de uma forma diferente*”, refere Atena. “*Os tempos são outros. Sexualidade não pode ser imposta. O sexo faz parte do ser humano*”, declara Zeus. “*Nossa criação influencia as nossas opiniões*”, afirma Afrodite.

Meirelles (1997) afirma que as pessoas criam a própria vida com base nas crenças que são produto da síntese e redefinição do passado com a antevisão consciente e inconsciente do futuro.

Significar a sexualidade é compreender o contexto de vida do sujeito, as gerações que permeiam suas crenças e aos aspectos biológicos e culturais que dão sentido a ela.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, analisaram-se as práticas e os significados apresentados por professores de uma escola pública estadual, focalizando sua relação com a expressão da sexualidade de seus alunos.

Apesar de os sujeitos que fazem parte deste estudo não representarem uma amostra significativa para retratar o universo da escola, acredita-se ter reunido informações qualificadas para tecer algumas considerações sobre o tema em foco.

Estas informações têm como base empírica o resultado da Análise de Conteúdo dos dados colhidos e registrados durante a entrevista com seis professores de diferentes disciplinas da 8ª série do Ensino Fundamental. As categorias que emergiram desta análise foram submetidas a uma reflexão embasada em contribuições teóricas consideradas pertinentes e fecundas.

Ao longo da pesquisa constatou-se que, enquanto conhecimentos e vivências, a sexualidade não permite certezas, mas os significados da sexualidade adulta se inserem e interferem no contexto da aprendizagem de modo a contribuir positiva ou negativamente no processo de construção da sexualidade do adolescente.

Por acreditar que a prática pedagógica envolve uma série de significações que interferem no processo de ensino aprendizagem, procurou-se captar através das entrevistas, as ações e reações dos professores diante das manifestações da sexualidade dos alunos, que levaram a compreender, em

parte, os significados da sexualidade adulta e as suas implicações na educação dos jovens.

Uma das primeiras constatações foi a resistência da escola em abordar o tema sexualidade com seus alunos. Acompanhando o trabalho pedagógico desta escola quanto ao tratamento das questões relativas à sexualidade, percebe-se que a prática mais utilizada é a repressão das manifestações de sexualidade dos alunos.

Confundida e tratada como algo exterior ao indivíduo e desvinculada das demais aprendizagens, a sexualidade só é reconhecida pela maioria dos educadores no momento em que ela emerge através das características sexuais secundárias, na menstruação, na ejaculação, sempre relacionada aos órgãos genitais.

Entende-se que desta forma, os professores demonstram a generalizada falta de compreensão sobre a sexualidade humana.

Percebe-se que a sexualidade continua sendo tratada como um tabu e, costuma ser erroneamente associada de modo restrito ao uso e as manipulações corporais que lembram e induzem à relação sexual e suas conseqüências.

Também por esta razão, acreditou-se conveniente fundamentar a sexualidade adolescente nesta pesquisa para melhor elucidar a dimensão psíquica e comportamental que envolve os jovens nesta fase e que interferem nas relações escolares.

A maior parte dos professores alega a falta de preparo específico para lidar com assuntos afetos à sexualidade e acredita que a educação sexual

consiste em informar sobre como, quando e porque usar ou não usar o sexo.

A prevenção é o método mais utilizado pelos professores através de informações sobre os riscos e prejuízos que o sexo irresponsável pode trazer. Geralmente, esta responsabilidade recai ao professor de Ciências ao ensinar o capítulo do aparelho reprodutor aos seus alunos e tem como temas principais as doenças sexualmente transmissíveis, a Aids e a gravidez precoce.

Alguns professores admitem temerem a reação das famílias, alegando que a abordagem de temas ligados à sexualidade poderia despertar precocemente os desejos sexuais da juventude.

A resistência pode ser percebida entre os professores quando argumentam não estarem preparados, quando reprimem atitudes e comportamentos relativos à sexualidade dos alunos, quando estabelecem regras rígidas de condutas sociais.

A questão do gênero ainda sugere uma educação diferenciada entre os sexos pelos educadores, sustentada também pela família. Meninos têm comportamento agressivo, agilidade e masculinidade e, meninas, são caracterizadas pela passividade, capricho e feminilidade.

Os professores manifestam concepções diferentes quanto à sexualidade e por isso assumem atitudes compatíveis com estas concepções. Negando sua própria sexualidade e corporalidade, muitos educadores contribuem aos sistemas educativos tradicionais e conservadores.

Considerando que os professores fazem parte de um contexto social histórico e cultural, constituído por mitos, preconceitos, tabus e tradições familiares, com fortes influências da sociedade ocidental-cristã, que intensificou

nossos medos e limitações, compreende-se as significações à sexualidade percebidas pelos educadores e sua postura frente às manifestações sexuais dos adolescentes.

Incluir a educação à sexualidade no currículo das instituições responsáveis à formação dos professores é uma proposta à prática pedagógica que possibilite a reflexão, discussão e problematização de uma temática fundamental humana.

Enquanto isso não acontece, o trabalho pode começar com um professor interessado, que se sinta disponível e tenha capacidade para reconhecer como verdadeiras as questões dos alunos, acolhendo-as com respeito. É claro que também serão necessários conhecimentos de anatomia e embasamento teórico sobre o tema e o contato com profissionais especializados pode esclarecer dúvidas e facilitar o processo.

Entende-se que a sexualidade é uma manifestação natural, com espaço no corpo biológico, na mente consciente e inconsciente, nas pulsões, no afeto, nos sentimentos e emoções que constroem a subjetividade do ser humano.

A sociedade precisa aceitar a sexualidade como um processo natural e possibilitar sua expressão. Não da forma exagerada de que tem se valido a mídia para explorar economicamente o indivíduo, mas incentivando o amor, o respeito, a ressignificação do masculino e feminino.

Esta pesquisa aprofundou o conhecimento sobre sexualidade humana. Sua história e sua evolução possibilitaram perceber que a educação à sexualidade tem evoluído através dos tempos e que o debate sobre esta temática tem avançado em todos os âmbitos sociais dada a importância de sua

influência no desenvolvimento saudável do ser humano.

Mediante a disponibilidade a participar desta pesquisa, à veracidade dos relatos e à discussão que se estabeleceu durante as entrevistas, percebeu-se uma reflexão profunda de todos os professores entrevistados.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- AIRÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ALVES, G.; CORTINOVI, T. A sala de aula como espaço potencializador do ser saudável. In: MEYER, Dagmar E. E. (org). **Saúde e Sexualidade na Escola**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNADJER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- AQUINO, Júlio Groppa (org). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1997.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BARROSO, Carmen; BRUSCHINI, Cristina. **Educação Sexual: Debate Aberto**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BIANCULLI, C. H. Realidad y propuestas para continência de la transición adolescente em nuestro médio. **Revista Latino Americana de Adolescência**. Buenos Aires / Porto alegre, v. 1, n. 1, p. 31-8, abr-jun, 1997.
- BLEICHMAR, Emilce. **El feminismo espontâneo de la histeria: estúdio de los transtornos narcisistas de la feminidad**. Madrid: adotraf, 1985.
- BLOS, Peter. **Adolescência. Uma Interpretação Psicanalítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BONATO, Nailda M. C. **Educação Sexual e Sexualidade: o velado e o aparente**. 1996. 55 f. Monografia (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação, UERJ, Rio de Janeiro, 1996.
- CABRAL, Jussara Terezinha. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas: Papyrus, 1995.
- CAMARGO, Ana Maria. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como tema transversal**. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

CAMPOS, D. M. **Psicologia da Adolescência**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CATONNÉ, Jean-Philippe. **A Sexualidade, Ontem e Hoje**. São Paulo: Cortez, 1994.

CLEMENTE, M. El análisis de contenido: características generales y análisis categorial. In: DIAS, M. C. (coord.). **Psicologia Social: métodos y técnicas de investigación**. Madrid: Eudema, 1992.

FLANDRIN, Jean-Louis. A vida sexual dos casados na sociedade antiga: Da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: A vontade de saber**.(vol.1). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOLDIM, J. R. **Manual de iniciação a pesquisa em saúde**. Porto Alegre: Dacasa, 1997.

GOMES, W.; RECK, A.;GANZO, C. A experiência retrospectiva de estar em psicoterapia: um estudo empírico fenomenológico. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 4 (3), 1988, p.187-206.

GOREAU, Angeline. Duas inglesas do século XVII. Notas para uma anatomia do desejo feminino. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GTPOS, Abia, Ecos. **Guia de Orientação Sexual**. São Paulo: Editor Casa do Psicólogo, 1994.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado da Letras Editora, 1995.

KUDE, Vera Maria Moreira. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. Textos da disciplina. Porto alegre: 2000.

KRUG, U. **O que acontece no quarto ao lado? Pais de filhos adolescentes e a sexualidade dentro de casa**. 2003. 101 f. Monografia (Conclusão de Curso) Faculdade de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Santos: Martins Fontes, 1979.

LEAL, Sandra M. C. A ênfase higienista da educação e saúde na sala de aula. In: MEYER, Dagmar E. E. (org). **Saúde e Sexualidade na Escola**.Porto Alegre: Mediação, 2000.

LEWIS, M.; WOLKMAR, F. **Aspectos Clínicos do Desenvolvimento na**



**Infância e Adolescência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E. E. (org). **Saúde e Sexualidade na Escola.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MATARAZZO, Maria Helena. **Educação Sexual nas Escolas.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

MEIRELLES, J. A. B. Os ETs e o gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. In: AQUINO, Júlio Groppa (org). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

MEYER, Dagmar E. E. (org). **Saúde e Sexualidade na Escola.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo.** Educação. Porto Alegre, v.22, n.37, 1999.

NUNES, César A. **Desvendando a Sexualidade.** São Paulo: Papirus, 1997.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade.** Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, D. Sexo e saúde na escola: isso não é coisa de médico? In: MEYER, Dagmar E. E. (org). **Saúde e Sexualidade na Escola.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje.** Porto Alegre: artes Médicas, 1992.

PAPALIA, D.; OLDS, S. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PCN's – **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual. Ministério da Educação.** Secretaria da Educação Fundamental. 3ª edição. Brasília: A Secretaria, 2001.

PINTO, H. D. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, Júlio Groppa (org). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.). **Sexualidades Ocidentais.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

RAPPAPORT, C. R. O sujeito adolescente e o corpo. In: **Adolescência: abordagem psicanalítica**. São Paulo: EPU, 1993.

RIETH, F; LEAL, O. F. **Sexualidade e Aids: Um estudo antropológico através de grupos focais de adolescentes**. Trabalhos de pesquisa, (4), 1-18, 1996.

ROSSIAUD, Jacques. A Prostituição, sexualidade e sociedade nas cidades francesas do século XV. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SAYÃO, R. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Júlio Groppa (org). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio Groppa (org). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SCARPARO, Helena (org). **Psicologia e Pesquisa: perspectivas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

SHELISKY, Helmut. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

SOARES, J.; MORAIS, M. G.; BRITTO, R. **Orientação Sexual: percepção de educadores na escola municipal de ensino fundamental**. Disponível em [www.psicopedagogia.com.br/artigo](http://www.psicopedagogia.com.br/artigo). Acesso em 12 de março de 2004.

SOUZA, M. C. Sexo é uma coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola. In: AQUINO, Júlio Groppa (org). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

STEPHANOU M. Currículo escolar e educação da saúde: um pouco de história do presente. In: MEYER, Dagmar E. E. (org). **Saúde e Sexualidade na Escola**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

STOLL, Raul Roberto. **Professoras de Escola infantil: práticas e significados a respeito da sexualidade de meninos e meninas e da educação sexual**. 1994. 132 f. Dissertação (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Educação, PUCRS, 1994.

TIBA, Içami. **Sexo e Adolescência**. São Paulo: Ática, 2000.

TOCKUS, Rosalind B. **Sexualidade nos dias de hoje. O sexo sem preconceitos**. São Paulo: Agora, 1986.

VIANNA C. O educador bilíngüe: nas fronteiras da sexualidade e da violência. In: AQUINO, Júlio Groppa (org). **Sexualidade na Escola: Alternativas**

**Teóricas e Práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

WEBSTER, Maria Margarete A. **O Adolescente: representações e manifestações da sexualidade.** 1991. 139 f. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica), Faculdade de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, 1991.

# **ANEXOS**

## RESULTADOS

Os relatos foram analisados individualmente evidenciando temas semelhantes importantes, permitindo o agrupamento em categorias. Estas categorias foram interpretadas e relacionadas conforme o referencial teórico estudado.

A seguir são apresentados quadros contendo a síntese das informações colhidas referentes a cada professor entrevistado. Em virtude do resguardo do sigilo os nomes dos professores foram associados aos deuses Olímpicos denominados Afrodite, Ártemis, Zeus, Atena, Hera e Apolo.

	<b><u>AFRODITE</u></b>	
<b>CATEGORIAS</b>	<b>RELATO DO PROFESSOR</b>	<b>TRADUÇÃO DO RELATO</b>
POSTURA	Tento agir normalmente. Gosto quando me contam sobre suas transas, seus relacionamentos. Dou abertura aos alunos. Algumas vezes não sei o que dizer, não me sinto preparada.	Considera importante agir de forma natural e ouvir o que os alunos têm a dizer para que possa orientá-los, mas admite ter dificuldades em alguns momentos. Ser honesto e reconhecer limitações é importante na busca de maior conhecimento.
DOENÇAS / GRAVIDEZ	A Aids me fez tocar no assunto sexo com meus filhos. O lado positivo da Aids foi uma abertura maior para se falar em sexualidade. Tem que ajudar a	A Aids e as doenças sexualmente transmissíveis são uma preocupação dos educadores. A prevenção é a forma mais abordada pelos professores.

FAMÍLIA	<p>prevenir qualquer doença. Os pais não falam com seus filhos sobre sexo. Meus pais não falavam. Alguns pais acham que é obrigação do professor falar sobre sexo.</p>	<p>O diálogo sobre sexualidade na família é difícil e muitas vezes constrangedor, pois nem pais, nem filhos sabem como fazê-lo, repetindo comportamentos das gerações passadas. Os pais depositam na escola a responsabilidade de esclarecer os filhos sobre sexualidade.</p>
GÊNERO E PRECONCEITO	<p>A mulher ainda está presa a tabus, mesmo diante de tanta liberdade. Sou da época da liberação feminina, da pílula, e acabei casando grávida e fui discriminada.</p>	<p>A mulher ainda sofre preconceitos e é tratada com desigualdade perante a sociedade. A gravidez antes do casamento ainda não é bem tolerada, é símbolo de promiscuidade.</p>
HOMOSSEXUALIDADE MÍDIA	<p>Não tenho problemas com isto. Acho importante a informação na mídia, mesmo que algumas vezes seja demais. São muitos comerciais de bebida e cigarros.</p>	<p>Percebe-se aceitação à opção sexual. A mídia pode extrapolar com informações nem sempre relevantes e pertinentes à idade do jovem e à proporção de sua curiosidade.</p>
PROFESSORES E EDUCAÇÃO SEXUAL	<p>Acho que é um tema pouco explorado pelos professores.</p>	<p>Refere a importância de problematizar e esclarecer a sexualidade na sala de aula.</p>
CONCEPÇÃO	<p>É natural. Só não fala bem do assunto quem está mal resolvido. Fui reprimida pelos meus pais, era outra época. Nossa criação influencia as nossas opiniões. Nosso passado se revela no presente.</p>	<p>A sexualidade é inerente à natureza humana, mas a cultura, o meio e a história pessoal têm influência importante na constituição da sexualidade do indivíduo.</p>

## ÁRTEMIS

POSTURA	Respeito é importante. A postura é importante. Acho que a roupa do aluno deve estar adequada, eles se expõem. Nós (professores) também temos pernas e barriga. Converso, incentivo namoros, conheço os namorados. Acho que oriento bem, mas tenho dúvidas. Às vezes acho que adolescente só pensa em sexo.	Existe uma preocupação com a questão moral ao referir-se à roupa, modelos que deixam a mostra partes do corpo podem não demonstrar respeito, refletindo uma idéia machista sobre a sexualidade das mulheres. Percebe-se que admite a sua própria sexualidade. A aproximação dos alunos lhe confere confiança e acredita que tem a capacidade para orientá-los. Não se omite, o que é muito positivo.
DOENÇAS / GRAVIDEZ	Não se cuidam. O meu papel eu faço, estou sempre informando.	Percebe-se que a responsabilidade é repassada ao aluno, que a informação é suficiente para uma atuação consciente.
FAMÍLIA	Sou mãezona, eu cobro. Mãe dominadora bagunça a sexualidade. Tem que ser uma mãe zelosa.	Entende-se que a mãe tem a responsabilidade pela sexualidade do filho. Ser mãezona é ser protetora, cobrar atitudes conforme padrões morais e éticos da sociedade.
GÊNERO E PRECONCEITO	Mulher é discriminada. Precisa batalhar.	A mulher deve conquistar seu espaço, lutar contra preconceitos e isto exige grande esforço.
HOMOSSEXUALIDADE	Observo meninos indefinidos desde o currículo. Uma tendência grande e continuam indefinidos na adolescência. Será que	Diante da desinformação, a homossexualidade parece preocupante e assustadora por não saber como lidar com

	são criados pela avó? São filhos únicos? O que fazer?	ela. Mitos e inferências são obstáculos ao relacionamento e conduzem ao preconceito.
MÍDIA	Sempre comento as últimas notícias, sempre voltadas à beleza e à sexualidade. Falamos sobre o Marcelo Antony e seu envolvimento com as drogas. Ele é um ídolo e alguns vão querer imitá-lo.	Percebe-se que a mídia trás questões referentes à sexualidade que podem ser discutidas em sala de aula. Uma proposta de reflexão crítica aos modelos veiculados pela mídia.
PROFESSORES E EDUCAÇÃO SEXUAL	Somos um espelho. A formação que damos extrapola a sala de aula. Formamos cidadãos, temos um compromisso. A nossa postura é levada para fora. Formamos pessoas.	Retrata o que pode significar um professor ao seu aluno: um modelo a ser seguido. É uma preocupação e uma grande responsabilidade. Muitos alunos se identificam com seus professores.
CONCEPÇÃO	É uma questão de valores. O que permitimos é o que a sociedade permite. Não fui criada assim, com toda esta liberdade.	A sexualidade está entranhada nos padrões morais das culturas e sociedades e o indivíduo vive de acordo com o que é imposto.

### ZEUS

POSTURA	O mundo mudou e o tradicional é bom até certo ponto. Não estou preparado. Não é a rigidez que move. Se a saia está curta demais, argumenta e não proíbe. É evidente a sexualidade no adolescente. Procuro ser o mais natural possível, não hostilizar, respeitar.	Fica claro uma postura mais aberta e compreensiva da sexualidade na contemporaneidade, como também o reconhecimento da falta de informação e preparo para tratar sobre o tema. Percebe-se um reconhecimento da sexualidade através das roupas utilizadas.
---------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



DOENÇAS / GRAVIDEZ	Falta de informações e imaturidade trazem prejuízos, como doenças e gravidez precoce.	A prevenção de doenças faz parte da educação e esta precisa informar e orientar para evitar danos ao indivíduo. A gravidez precoce pode levar o jovem a se afastar da escola, deprimir-se, antecipar responsabilidades de fases futuras.
FAMÍLIA	Há omissão da família. Pais despreparados. Alguns acham que nós devemos ensinar sobre sexo, mas outros nos acusam de despertar seus filhos para isso.	A família se omite em educar à sexualidade porque não está preparada para este enfrentamento. Repassam a responsabilidade à outro, como à escola, por exemplo.
GÊNERO E PRECONCEITO	Meninas amadurecem mais cedo. Querem transar antes dos meninos, estão sempre apaixonadas.	A sexualidade nas meninas é percebida com mais maturidade na adolescência do que com os meninos.
HOMOSSEXUALIDADE	A homossexualidade na sala de aula é discriminada e recriminada. É natural a tentativa de descoberta, mas não estamos preparados. A TV tem focado a homossexualidade de forma forte. Deve-se tratar igual, a opção é dele, se fosse um filho eu tentaria educar, respeitar, encaminhar.	O preconceito em relação à homossexualidade é uma realidade nas escolas, tendo sido abordada pela mídia nos últimos tempos. Apesar de ser encarada como opção, é discriminada e não encontra apoio da maioria dos educadores.
MÍDIA	Há muita informação na mídia. A novela "Malhação", todos assistem. Pobres e ricos têm acesso às mesmas informações. A TV apresenta ídolos sexualizados, bonitos,	Não há dúvida de que a televisão influencia no comportamento do jovem adolescente, seja através de novelas, comerciais e outras formas de comunicação. Entende-se que nem

	mostra cenas de sexo naturalmente e o jovem quer experimentar. Há muitas informações deturpadas.	sempre o jovem terá maturidade para filtrar as informações e orientações que lhe são sugeridas. Os modelos apresentados pelos meios de comunicação são imitados, muitas vezes, pelos adolescentes.
PROFESSORES E EDUCAÇÃO SEXUAL	Têm pouca informação, não estão preparados, não se dão conta que a sexualidade faz parte. Educador tem certas responsabilidades, precisa se atualizar e não se omitir. Alguns professores trabalham como há trinta anos atrás. Onde está a interdisciplinaridade? Por que só o professor de Ciências? Não há discussão. É mais fácil trabalhar cálculo e geometria na sala de aula.	Fica claro a omissão dos professores frente à discussão da sexualidade e a responsabilidade imposta à disciplina de Ciências. Falta de preparo e de atualização são obstáculos à educação. O trabalho em equipe, como propõe a interdisciplinaridade pode significar resultados compensatórios à orientação e discussão da sexualidade.
CONCEPÇÃO	Os tempos são outros. Sexualidade não pode ser imposta. Não há regras. O sexo faz parte do ser humano.	A evolução dos tempos tem mostrado uma nova concepção de sexualidade, uma certa rebeldia às normas e regras que são impostas, mas que continuam permeando as gerações.

### ATENA

POSTURA	Procuro agir naturalmente. Observo bilhetes, grupinhos nos banheiros, alunos se tocando, agressivos,	Observa-se a compreensão à sexualidade além do contexto sexual. Percebe-se a preocupação com a
---------	------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>sem carinho, só agarramento. Converso com eles, porque sempre surge algo que leve ao assunto. Não se tem tempo, é muito conteúdo, às vezes finjo que não vejo.</p>	<p>afetividade, com a qualidade da relação. Ao mesmo tempo, percebe-se a omissão e a dificuldade mascaradas pela falta de tempo devido ao conteúdo a ser desenvolvido.</p>
DOENÇAS / GRAVIDEZ	<p>É assustador. Parecem que não se importam. Eles são informados dos riscos.</p>	<p>A informação é sempre de prevenção e fatores de risco. O modelo médico ainda é muito forte na educação.</p>
FAMÍLIA	<p>Algumas famílias são abertas, outras não. Alguns pais não gostam que se fale sobre sexo com seus filhos. Às vezes pareço a mãe deles.</p>	<p>Fica evidente a dificuldade da família na percepção do educador, e o aluno reflete esta relação.</p>
GÊNERO E PRECONCEITO	<p>Algumas meninas não se dão o respeito. As roupas, os modos, vários relacionamentos.</p>	<p>As mulheres ainda se enquadram nos padrões de comportamento machistas. Dar-se o respeito é não usar decotes ousados, roupas apertadas ou saias curtas; não ter vários namorados e comportar-se de acordo com a moral e os bons costumes.</p>
HOMOSSEXUALIDADE	<p>Coitados! Sofrem com as brincadeiras dos outros colegas, é “bichinha prá cá, bichinha pra lá”.</p>	<p>A discriminação é evidente perante o adjetivo “coitado”. Fica claro que o preconceito existe manifestado nas brincadeiras dos colegas usando termos pejorativos. A intervenção do professor, se é que existe, é ineficiente, porque também sente dificuldades em aceitar um comportamento fora</p>

MÍDIA

A televisão e as músicas são responsáveis por influenciar no comportamento dos alunos. Começam cada vez mais cedo!  
O que são as letras das músicas?  
As propagandas só têm gente bonita fumando e bebendo.

dos padrões de “normalidade”.  
Nem sempre a arte pode ser encarada como informativa positiva e esclarecedora, pois seu conteúdo pode desencadear comportamentos exagerados, interpretações equivocadas entre os jovens e muitas vezes, precocemente. O educador pode valer-se destes recursos para discussão da sexualidade.

PROFESSORES E EDUCAÇÃO SEXUAL

A escola deixa muito a desejar.

Os professores não estão preparados para lidar com questões de sexualidade. A escola não tem apoio de órgãos e autoridades competentes.

CONCEPÇÃO

É um assunto delicado e difícil. Cada um tem o seu jeito e aprende de uma forma diferente. Ajudou muito ter tido uma boa relação com minha mãe.

A compreensão à subjetividade de cada um é fundamental à sexualidade. A cultura, o meio, a história de vida definem a concepção do indivíduo em relação à sexualidade.

### HERA

POSTURA

Considero-me rígida e antiquada, não é minha área, não incentivo. Não me animo a falar sobre sexualidade, só para os meus filhos. Tem que ser um professor qualificado. Roupas das meninas são exageradas: decotes e calças baixas.

Ao omitir-se, o professor tenta negar a existência da sexualidade, tanto sua quanto do aluno. Argumentar falta de qualificação pode ser uma desculpa para o não enfrentamento de uma questão que é difícil também para ele. O preconceito perante

		as roupas demonstra sua dificuldade em lidar com o tema, mas reconhece a sexualidade nesta forma de expressão.
DOENÇAS / GRAVIDEZ	<p>Gravidez não diminui com informação. Pensam que “não vai acontecer comigo”. Tem livre acesso e não tem maturidade.</p> <p>Aids: confiam; só acontece com os outros.</p> <p>Drogas: não basta ter conhecimento, mas preparo para não incentivar.</p> <p>Pílula: devia ser usada só a partir de certa idade.</p>	<p>Ainda se acredita que falar sobre sexualidade pode incitar, incentivar o jovem à vida sexual. A informação é fundamental para a prevenção, mas não basta por si só: falar das responsabilidades e valorizar a vida pode esclarecer e evitar prejuízos irremediáveis. O uso indiscriminado de anticoncepcionais por meninas é uma preocupação relevante. As relações familiares conflituosas contribuem a experiências precoces e pouco orientadas. A escola não pode dar conta da educação dos filhos sem a ajuda dos pais. Em uma sociedade consumista, o trabalho pode tornar-se prioridade, e o TER passa a ser mais importante que o SER. Os filhos convivem pouco com suas famílias, há a compensação pela culpa dos pais e a falta parental se reflete na escola, muitas vezes. Os filhos têm tudo, mas não têm a presença dos pais.</p> <p>Um paradoxo: por um lado a luta pela</p>
FAMÍLIA	<p>As famílias estão desestruturadas: as crianças abandonadas. A educação começa na família.</p> <p>Afastamento da mãe do lar deixou as crianças livres, sem orientação. Tempo antigo não podia falar, levava uma bofetada, hoje os filhos mandam, os pais não têm autoridade.</p> <p>Falta vínculo familiar, não há lazer, os pais trabalham muito para manter uma sociedade de consumo. Dar amor e ensinar valores mais do que bens materiais. Não é uma responsabilidade da escola.</p> <p>A mulher tem os mesmos direitos dos</p>	
GÊNERO E PRECONCEITO		

	homens, mas deve se preservar.	igualdade, por outro, a concepção machista de preservação feminina.
HOMOSSEXUALIDADE	Não entendo muito bem, se é hormonal ou não.	Os padrões morais de comportamento impostos pela sociedade em cada cultura podem acarretar preconceitos e discriminações ao indivíduo que não se enquadra nestes padrões.
MÍDIA	Apelo da mídia faz despertar mais cedo a sexualidade. Está na hora da censura na TV. NET, filmes pesados, determinar horários. As informações estão em qualquer veículo, há o livre acesso, mas não há maturidade para processar.	O apelo exagerado da mídia à sexualidade pode ocasionar vivências precoces, experiências negativas e idéias erradas sobre questões de sexualidade. Os meios de comunicação proporcionam informações nem sempre condizentes com a idade e o meio do indivíduo.
PROFESSORES E EDUCAÇÃO SEXUAL	Tem que ser professor qualificado para falar sobre sexualidade.	Percebe-se que a responsabilidade é transferida ao profissional qualificado, como um argumento do professor despreparado e temeroso diante da difícil tarefa.
CONCEPÇÃO	Na minha época só saía aos 15 anos. Não falava com meus pais sobre isso. Acho que estamos vivendo o caos. Precisamos questionar o consumismo. Hoje há sexo em tudo. A psicologia sempre arrasa a teoria anterior: não se podia dizer não, hoje tem que dar limites.	Percebe-se uma sexualidade reprimida, sufocada. Comparam-se gerações passadas com os dias atuais. O consumo tem levado as pessoas a esquecerem seus valores morais e éticos em busca de poder, beleza e prazer. A Psicologia é uma ciência que evolui a

cada dia, mas parece estar banalizada no entendimento de algumas pessoas que não conseguem compreender e assimilar a velocidade de informações que afetam a humanidade nos últimos tempos.

### APOLO

#### POSTURA

Alguns alunos se tocam, consigo perceber a intenção e digo para não me decepcionarem. Sou firme. É natural. Tenho mais responsabilidades com os meninos. Agir o mais natural possível. Alunos e professores não podem confundir as relações. Meninos correm olhando para os “trazeiros” das meninas.

A sexualidade é percebida no comportamento dos alunos, mas é preciso ter cautela ao intervir. A concepção de que os meninos são mais audaciosos e revelam mais intensamente sua sexualidade é evidente em seu comportamento, orientados desde cedo a exibirem seu sexo. Há uma preocupação com a relação entre aluno e professor. É muito comum entre adolescentes, confundirem a atenção de um professor com interesse pessoal e é claro, a recíproca também é verdadeira. Aconselhar e conversar nem sempre esclarece. É preciso mais informação, orientação e não apenas falar dos perigos que as drogas e as relações sexuais podem trazer. Ter cuidado exige consciência e maturidade.

#### DOENÇAS / GRAVIDEZ

Digo sempre para se cuidarem.

FAMÍLIA	<p>Percebo necessidade de um modelo.          Não existe mais a família tradicional.          Alguns alunos ficam observando meu jeito, me imitam.</p>	<p>A identificação com as figuras parentais é importante no processo de formação do indivíduo. Alguns alunos ficam em busca deste modelo, outros buscam no professor este modelo de identificação devido a relações conflituosas com a família.</p>
GÊNERO E PRECONCEITO	<p>Os meninos devem respeitar as meninas como se fossem suas irmãs.</p>	<p>Percebe-se uma proteção machista com as meninas, imaculadas, não podem ser tocadas. A idéia de que com a irmã não pode é preconceituosa e paternal.</p>
HOMOSSEXUALIDADE	<p>Eu percebo, mas o que posso fazer? Faz a aula normal junto com os outros.</p>	<p>Entende-se uma certa dificuldade em lidar com a homossexualidade. Não saber o que fazer caracteriza preconceito e uma atitude de distanciamento, como se não fosse natural estar junto com outros colegas.</p>
MÍDIA	<p>Há muito sexo na televisão, nos filmes.</p>	<p>O apelo desenfreado da mídia na guerra de audiência apresenta excessivo erotismo nas cenas de amor, explicitando corpos nus e relações sexuais em qualquer horário.</p>
PROFESSORES E EDUCAÇÃO SEXUAL	<p>Todos são responsáveis. Alguns alunos precisam de diálogo, tem que ajudar.</p>	<p>Entende-se que os educadores são responsáveis pelo desenvolvimento da sexualidade do aluno. Uma conversa aberta e franca podem esclarecer dúvidas e orientar certas decisões e comportamentos.</p>



## CONCEPÇÃO

A sexualidade é alegria, amor, honestidade, coragem, fé e equilíbrio. Assim deve ser a relação do homem com a mulher.

A concepção de sexualidade é ampla, envolvendo sentimentos e atitudes que favorecem a compreensão do indivíduo em sua subjetividade.

